



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**  
**NÚCLEO TEMÁTICO: EDUCAÇÃO, CURRÍCULO E ENSINO**

**ANA CARMEN DE SOUZA SANTANA**

**CULTURA DIGITAL E EDUCAÇÃO:**  
**O CASO D@S EDUCADOR@S DO CAMPO NO**  
**CENTRO RURAL DE INCLUSÃO DIGITAL (CRID)**  
**SANTANA**

**FORTALEZA**

**2008**

**ANA CARMEN DE SOUZA SANTANA**

**CULTURA DIGITAL E EDUCAÇÃO:  
O CASO D@S EDUCADOR@S DO CAMPO NO  
CENTRO RURAL DE INCLUSÃO DIGITAL (CRID)  
SANTANA**

**Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.**

**Orientador: Prof. Dr. Hermínio Borges Neto**

**FORTALEZA**

**2008**

**ANA CARMEN DE SOUSA SANTANA**

**CULTURA DIGITAL E EDUCAÇÃO:  
O CASO D@S EDUCADOR@S DO CAMPO NO  
CENTRO RURAL DE INCLUSÃO DIGITAL (CRID)  
SANTANA**

**Dissertação submetida à Coordenação do  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Brasileira, da Universidade Federal do  
Ceará, como requisito parcial para obtenção  
do título de Mestrado em Educação.**

**Aprovada em** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**PROF. DR. HERMÍNIO BORGES NETO (ORIENTADOR)**  
Universidade Federal do Ceará - UFC

---

**PROF. DR. ROBERTO MATÍAS APARICI MARINO (CO-ORIENTADOR)**  
Universidade Nacional de Educação a Distância da Espanha (UNED)

---

**PROFA. DRA. ELIANE DAYSE PONTES FURTADO**  
Universidade Federal do Ceará - UFC

---

**PROF. DR. ALCIDES FERNANDO GUSSI**  
Universidade Federal do Ceará - UFC

## **DEDICATÓRIA**

À comunidade científica.  
Àos meus pais João Santana Neto e Das Dores,  
pela gratidão de terem me gerado e educado com amor.  
Ao meu companheiro Claudio Ulisse,  
por outro tipo de amor que me faz viver.

## AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa e seus diversos momentos vividos por mim contaram com o apoio de diversas pessoas para sistematizar esta versão, superar dificuldades, socializar descobertas e acreditar que um mundo melhor é possível.

Aos meus pais *João Santana Neto* e *Das Dores*, por todo amor, dedicação e apoio incondicional em todas as vezes que desejei “voar” para fora dos ninhos em que me criaram.

Ao Prof. *Hermínio Borges Neto*, por ter aceitado o desafio de ser “bússola” de experiência enquanto pesquisador e amigo, sempre ensinando algo inesperado.

Ao Prof. *Roberto Aparíci*, pelos novos olhares que me permitiu construir para a pesquisa e para a vida.

À Prof.<sup>a</sup> *Eliane Dayse*, pela solidariedade de partilhar ciência e afeto desde o início de minha vida acadêmica.

Ao Prof. *Alcides Gussi*, pelas contribuições a um pensar etnograficamente.

Ao meu companheiro *Claudio Ulisse*, por ter me aparado em seus braços, levantando meu rosto e sempre dizer que eu ia conseguir.

À minha irmã-amiga *Patrícia* e meu amado sobrinho *João Luís*, pelos carinhos e compreensão dispensada pelos momentos em que me privei de suas companhias.

À *FUNCAP*, pelo indispensável apoio financeiro e incentivo à pesquisa cedido em forma de bolsa durante parte dos estudos de mestrado.

À *Comunidade do Assentamento Santana*, por sempre me ensinarem algo que remeta à uma vida mais digna para tod@s.

À *tod@s pesquisadores do Laboratório Multimeios*, em especial as amigas *Ângela Souza e Janete BB*, pela disponibilidade de auxílio para a conclusão deste trabalho; e *Lídyia Penha*, por participado com afinco na organização dos materiais coletados.

Aos queridos *professores, professoras e colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC*, pelos momentos de socialização de conhecimento e experiências, debates e sugestões ao trabalho.

Às queridas amigas de linha de pesquisa e de vida *Teresa Batista, Regina Young e Claudenice Freitas*, pelas partilhas de leituras, pensamentos, inquietações e superações na área das Tecnologias Digitais e Educação.

## RESUMO

Este trabalho busca expressar a sistematização da experiência de pesquisa desenvolvida no Assentamento Santana com seus educador@s do campo através do projeto Centros Rurais de Inclusão Digital (CRID). O pressuposto fundamental era de que essas pessoas tinham uma cultura digital em construção e que se podia aprofundar essa questão a partir de uma metodologia onde o objeto de estudo se configurou com as vivências, percepções e reflexões que ess@s educadores tecem a partir de suas próprias realidades. Para tanto, foi realizado um estudo teórico geral sobre sociedade da informação educação e depois aprofundada na análise de dados com as falas dos sujeitos. O percurso de pesquisa foi qualitativo, numa abordagem etnográfica que fez uso de diário de campo como instrumento de organização dos eventos que contemplassem a cultura digital d@s educador@s do Assentamento Santana num campo presencial e virtual. As categorias consideradas nos aspectos de cultura digital d@s educadores caminham na direção para: construção de práticas contextualizadas à realidade em que vivem; planejamento para a utilização pedagógica do CRID e necessidade de formação continuada, que pode ser feita entre el@s mesm@s e contando com apoio do grupo de gestão do CRID e a perspectiva coletiva de se viver o CRID como instrumento pedagógico para “além da boa vontade”. É salutar a experiência do CRID e sugerimos a criação de novos espaços para a socialização das práticas educativas nos CRID por parte d@s educador@s e que seja dada continuidade nos estudos nessa área que entrelaça cultura digital e educação. As considerações finais apontam para @s educador@s de Santana têm no CRID uma possibilidade de expressar sua autonomia tão desejada ainda no espaço escolar. Outro aspecto evidente foi a coletividade, vivida no assentamento, bastante expressiva na “luta de crescer e transformar” através do CRID.

**Palavras-chave:** cultura digital e educação; educação do campo; Centros Rurais de Inclusão Digital (CRID).

## ABSTRACT

This study attempts to express the systematization of experience in research developed in the Rural Community Santana with its educators in a project *Centros Rurais de Inclusão Digital (CRID)*. The basic assumption was that these people had a digital culture in construction and that it could deepen this issue from a methodology where the object of study is configured with the experiences, thoughts and perceptions that educators draw from their own realities. For this reason, a general theoretical study has been realized about information society in education and after that depth in data analysis with talk of people. The roadmap has been a qualitative research, with an ethnographic approach that used a daily camp as tool for organizing events would contemplate the digital culture of educators in the rural Community Santana in a presence and virtual environment. The categories to be considered in aspects of digital culture of the educators to go toward: building practices contextualized to the reality in which they live; planning for CRID educational use and the need for continuing education, which can be made between the same and counting on management group support of CRID and collective perspective to live the CRID as a pedagogical tool for "beyond good will." The experience of CRID is good and we suggest the creation of new socialization spaces for educational practices in CRID by your educator is to give continuity to studies in this area that relation with digital culture and education. The final considerations point to Santanas's educators that in CRID have a chance to express their autonomy so desired still at school. Another evident aspect was the community, living in the settlement, very expressive in the "struggle to grow and transform" from the CRID.

**Key words:** digital culture na education; rural education; Centros Rurais de Inclusão Digital (CRID).

## **LISTA DE FIGURAS, TABELAS E QUADROS**

FIGURA 1 - mapa do estado do Ceará destacando a capital Fortaleza e as cidades onde estão ou serão instalados outros CRID.

FIGURA 2: mapa do Assentamento Santana elaborado por uma pessoa da comunidade

FIGURA 3: imagem do quarto da casa onde fui acolhida.

FIGURA 4: primeira imagem que tomei da escola para fins da pesquisa.

FIGURA 5: educadora com sua filha diante do computador familiar.

FIGURA 6: imagem interna do CRID.

FIGURA 7: tela padronizada no computador do CRID.

FIGURA 8: desenho de como é o computador do CRID Santana

FIGURA 9: desenho de como é o computador do CRID Santana

FIGURA 10: foto-montagem de algumas educadoras esperando o encontro iniciar.

FIGURA 11: utilização do MOODLE para a pesquisa

TABELA 1: participação nos momentos da pesquisa

TABELA 2: avaliação das interfaces de bate-papo para a pesquisa

TABELA 3: socialização da Apresentação da Pesquisa

QUADRO 1: mandamentos dos usuários do CRID Santana

QUADRO 2: cartaz com dica de pesquisa no CRID.

QUADRO 4: linha do tempo da escola pelo grupo Grito

QUADRO 5: linha do tempo da escola pelo grupo Choro

QUADRO 5: linha do tempo da escola pelo grupo Choro

QUADRO 6: sistematização da Linha do Tempo da Escola.

## SUMÁRIO

	<b>Página</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1. EXPERIÊNCIAS NO RURAL ENQUANTO PESQUISADORA.....</b>	<b>12</b>
1.1 Problemática de pesquisa e objetivos.....	<b>13</b>
<b>2. A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE PESQUISA.....</b>	<b>14</b>
Pesquisa Qualitativa numa abordagem etnográfica	<b>16</b>
2.1 Campo empírico: presencial e virtual.....	<b>16</b>
2.1.1 Campo Presencial.....	<b>16</b>
<i>Apresentação da pesquisa.....</i>	<b>17</b>
<i>Linha do Tempo da Escola.....</i>	<b>17</b>
<i>Círculo da Vida.....</i>	<b>18</b>
2.1.2 Campo Virtual.....	<b>19</b>
<i>Análise de ferramentas para encontros virtuais.....</i>	<b>19</b>
<i>Encontros virtuais coletivos.....</i>	<b>20</b>
Categorias de Análise.....	<b>21</b>
<i>Sujeit@s: participação como critério de seleção.....</i>	<b>22</b>
<b>3. CONTEXTOS DA PESQUISA.....</b>	<b>24</b>
3.1 Os Centros Rurais de Inclusão Digital.....	<b>30</b>
<i>Sujeitos e relações: as trocas e reflexões nos processos formativos.....</i>	<b>34</b>
3.2 Linhas de ação do CRID.....	<b>35</b>
<b>4. 4 A CULTURA DIGITAL D@S EDUCADOR@S DO CAMPO DE SANTANA.....</b>	<b>40</b>
<i>O retorno ao Assentamento Santana.....</i>	<b>41</b>
<i>Um computador para o dia-a-dia.....</i>	<b>42</b>
<i>Bordando uma vida.....</i>	<b>44</b>
<i>Conversa no CRID.....</i>	<b>45</b>

<i>Escrevendo o CRID por imagens.....</i>	<b>46</b>
<i>Revedo postura 1: mudança de papel?.....</i>	<b>51</b>
<i>Convite via rádio.....</i>	<b>52</b>
<i>Revedo postura 2: CRID ainda fechado.....</i>	<b>52</b>
<i>“A pesquisa é minha, mas a intenção é que ela passe a ser nossa”.....</i>	<b>52</b>
<i>Resgate histórico da Escola de Santana.....</i>	<b>55</b>
<i>Revedo postura 3: o churrasco.....</i>	<b>60</b>
<i>Reunião na Escola: PPP, eixos e propostas para o futuro.....</i>	<b>60</b>
<i>A escola do Assentamento Santana.....</i>	<b>62</b>
<i>Revisitando o CRID.....</i>	<b>64</b>
<i>Revisitando o CRID: a surpresa do curso de Informática.....</i>	<b>65</b>
<i>Café com tapioca e passeio entre papoulas: pretexto para falar do Assentamento Santana.....</i>	<b>65</b>
<i>Ingressando num Campo Virtual.....</i>	<b>68</b>
<i>Resgatando os Círculos de Cultura Virtual.....</i>	<b>70</b>
<i>Mensagem eletrônica e uma nova fase na pesquisa.....</i>	<b>70</b>
<i>Coletividade virtual em ação.....</i>	<b>71</b>
<i>Estresse tecnológico.....</i>	<b>73</b>
<i>Revedo postura 4: trabalho individual não, coletivo!.....</i>	<b>75</b>
<i>Discussão aprofundada.....</i>	<b>75</b>
<i>Final do campo virtual, mas o trabalho não terminou.....</i>	<b>77</b>
<i>Como entrelaçar teorias, falas e reflexões?.....</i>	<b>80</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>82</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação busca expressar a sistematização da experiência de pesquisa desenvolvida no Assentamento Santana com seus educador@s<sup>1</sup> do Campo. Partiu-se do pressuposto que essas pessoas tinham uma cultura digital em construção e que se podia aprofundar essa questão a partir de uma metodologia onde o objeto de estudo se configurou com as vivências, percepções e reflexões que ess@s educador@s tecem a partir de suas próprias realidades. O percurso se construiu num processo de construção de conhecimentos coletivos do que se tomou como objeto, mapeamento dessas construções em categorias e análise aprofundada do que foi refletido coletivamente no campo presencial e virtual.

No Capítulo 1 faz-se um apanhado teórico geral do que pensa como sociedade do conhecimento, apontando para uma cultura digital construída através de práticas educativas contextualizadas com suas realidades com e através das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC).

No Capítulo 2 fala-se da construção do processo de pesquisa relacionado com as teorias e o campo de pesquisa. A pesquisa desenvolveu-se de maneira qualitativa numa abordagem etnográfica que fez uso de diário de campo como instrumento de organização dos eventos que contemplassem a cultura digital d@s educador@s do Assentamento Santana.

No Capítulo 3 relata-se o processo de pesquisa considerando o campo presencial e virtual. Inicia-se a falar dos Centros Rurais de Inclusão Digital (CRID)<sup>2</sup>, do contexto em que o CRID foi criado, resgata-se alguns dados do Assentamento Santana, apresenta-se os sujeitos e relações construídas na fase de implantação do projeto, explana-se sobre as linhas de ação do CRID.

No Capítulo 4 está relatada toda a experiência de pesquisa em si, colocando-se os pormenores desse processo traçados pelos eventos que aconteceram e evidenciaram como é esta cultura digital d@s educador@s de Santana.

Por fim, faz-se algumas considerações finais que apontam como foi a pesquisa, seus achados e perspectivas de aprofundar esses estudos.

---

<sup>1</sup> A partir deste momento na escrita teremos o “@” não como mero neologismo, mas para designar inclusão de gênero, por se tratarem de homens e mulheres e também porque convivem nua realidade de cultura digital.

<sup>2</sup> Projeto realizado em parceria entre a UFC, Instituto Nacional da Colonização e Reforma Agrária- Ceará (INCRA-Ce) e Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), através do Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural(NEAD).

## **1. EXPERIÊNCIAS NO RURAL ENQUANTO PESQUISADORA**

No início de uma vida acadêmica, com o ingresso no ensino superior, e instigada pela questão do acesso ao conhecimento, constituíram-se os primeiros contatos com as abordagens de educação popular. Com o passar das aulas e debates com os colegas foi se construindo uma identificação com aquela forma de educação, que dentre tantos elementos, considera como prioridade o conhecimento da própria cultura e a relação desta com outras culturas e saberes para a constituição de atos educativos transformadores e reflexivos.

Durante a graduação tive a oportunidade de conhecer a realidade de alguns assentamentos rurais do Ceará, como bolsista de Iniciação Científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (IC-CNPq). Essa experiência foi possível através dos projetos “A Educação do Campo: Um Desafio do Contexto dos Assentamentos Rurais do Ceará” e “Educação do Campo: as políticas compensatórias e a educação de jovens e adultos”<sup>3</sup>. Faziam parte do cotidiano: comer a mesma refeição dos assentados, participar da vida, observar a dinâmica escolar, conversar com as pessoas que tinham em sua estrutura organizacional a possibilidade do trabalho coletivo e muitas outras situações. Essas atividades foram muito válidas e repletas de sentido para o início de minha experiência etnográfica, pois, permitiram mais uma série de reflexões do tipo: qual a importância do trabalho coletivo para a comunidade? De que forma a educação incorpora essa coletividade? Como o currículo da escola do campo se estruturava em sua gestão?

A primeira pesquisa foi realizada no Assentamento Santa Bárbara (Caucaia- Ceará), um assentamento federal, sob a orientação do Movimento Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), onde buscou-se olhar de perto as práticas discursivas das escolas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), com seus aspectos educativos e organizacionais ligados à produção e a vida social do assentamento, situando o currículo da escola do campo em sua dimensão histórica. Os resultados apontaram que a escola do MST é um ambiente que incorpora o movimento de luta social pela reforma agrária e que a construção coletiva do saber a partir de sua realidade pode levar educandos, educandas, educadores e educadoras do campo a superarem situações de miséria e exclusão.

No segundo estudo, partiu-se do pressuposto de que as ações produtivas nos assentamentos rurais estaduais deveriam estar associadas às práticas educacionais e que estas precisam ser contextualizadas, para obter melhores resultados. Foi possível refletir

---

<sup>3</sup> Pesquisas coordenadas pela Prof<sup>a</sup> Eliane Dayse Pontes Furtado do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação(FACED-UFC) entre os anos de 2001 e 2003.

inicialmente sobre os mecanismos impostos pela sociedade capitalista e a crise do modo de organização do trabalho do homem do campo, que oscila entre o desejo da mudança e a resistência em defesa da necessidade e sobrevivência.

Essas pesquisas foram de grande importância para uma formação enquanto pesquisadora engajada no rural, especialmente porque, ao concluir Pedagogia na Universidade Federal do Ceará (UFC), em 2003, ingressei no Projeto de extensão da UFC, o CRID, o qual também teve como campo de atuação a realidade rural.

Importante dizer que essas experiências no rural foram indispensáveis para construir com os colegas pesquisadores do Laboratório Multimeios uma abordagem de inclusão digital a ser vivenciada sem estereótipos<sup>4</sup>. Era muito enriquecedor trabalhar numa equipe multidisciplinar formada por alunos da pós-graduação e graduação, um grupo predominantemente urbano e que, estava criando estratégias de elaboração e mediação em práticas e reflexões nas vivências de cultura digital junto às comunidades assentadas rurais.

Durante as atividades do CRID (as quais serão explicitadas no Cap. 3), principalmente na área de Informática Educativa, que as relações com @s educador@s começaram a me despertar curiosidade. El@s iniciaram o percurso de inclusão digital junto à comunidade, mas com um diferencial, o de que, além de aprender para o uso individual, deveriam compreender as utilizações pedagógicas desses artefatos tecnológicos através de uma formação específica. Todo esse processo educativo e cultural já se configurava como muito provocativo à um estudo, que acabou se desenvolvendo por meio desta pesquisa.

### **1.1 Problemática de pesquisa e objetivos**

Situada nesta exposição de pesquisas, experiências e questionamentos, o presente estudo teve como objeto as vivências, percepções e reflexões de cultura digital relacionada com a educação d@s educador@s do campo no CRID do Assentamento Santana. Para tanto foi necessário se construir um percurso de conhecimento, mapeamento e análise dessas vivências presencialmente e virtualmente, através do ciberespaço.

Investigou-se a questão paradoxal sobre as maneiras como as pessoas, em especial os educadores e educadoras, mesmo que ainda em baixo número, são movidos a desenvolverem um sentimento de pertença (ou não) à sociedade do conhecimento. Duas perguntas gerais foram necessárias para se estruturar o problema de pesquisa: como essas pessoas refletem

---

<sup>4</sup> Essa preocupação com a questão dos estereótipos está em constante processo de reconstrução, tendo como referência os estudos de Barthes (1987) e Quin (2006), pela necessidade de se desconstruir a imagem do rural massificada pela mídia e o zelo em não perpetuá-las por meio de generalizações.

sobre sua cultura digital a partir da educação vivida no Assentamento Santana? Como @s educador@s podem contribuir para se investigar estas questões?

Atendo-se mais ao universo d@s educador@s do campo, assim como as suas produções de sentido na relação cultura digital e educação no CRID Santana, ampliam-se algumas questões que, sistematizadas, delineiam-se enquanto problema da pesquisa que busca saber:

- Que relações têm ess@s educador@s com o sentimento de pertença à sociedade do conhecimento?
- Como est@s educador@s se percebem mediante utilização do CRID?
- Mais especificamente, quais são as práticas pedagógicas d@s educador@s que perpassam pela cultura digital?

A construção e sistematização desses questionamentos serviram como “cartografia” geral para a construção do método desta pesquisa e partiu-se do pressuposto que, as educador@s de Santana, em seus processos de vivências em cultura digital, tinham uma produção de sentido de tal forma que esses sujeitos pudessem se olhar, questionar e refletir sobre suas vivências em Cultura Digital.

A partir dessas indagações é que este estudo teve como objetivo geral conhecer, mapear e analisar as vivências, percepções e reflexões de/na cultura digital d@s educador@s do campo no CRID.

Tratando com mais detalhes esse objetivo mais amplo, os objetivos específicos buscaram: conhecer que vivências @s educador@s de Santana estavam realizando com a utilização do CRID; mapear coletivamente as reflexões de/na cultura digital dess@s educador@s e refletir em forma categorias de análise emergidas neste processo.

O método para se conhecer o objeto de estudo se construiu no desenvolver da pesquisa, sendo um construto com característica elementar de estruturação a *posteriori* e não a *priori*. Os objetivos se retroalimentaram durante o campo e análise, de tal forma, que o objetivo geral caracteriza melhor o que se conseguiu realizar. Embora os conhecimentos necessários referentes à elaboração deste estudo em forma de um portador textual dissertativo, houve de fato uma seleção de indicativos para emergir uma estratégia *artesanal* de se chegar aos objetivos esperados sob a luz das teorias para este estudo.

## **2. A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE PESQUISA**

Quando iniciei a desenvolver os primeiros estudos desta pesquisa do decorrer do curso de Mestrado em Educação da UFC, havia uma intenção em estudar a construção coletiva do conhecimento no ciberespaço pel@s educador@s de Santana, mas ao longo de um ano, em meio aos estudos individuais e diálogo com outros pesquisadores meu objeto de estudo foi se reconstruindo.

O ponto de mutação principal aconteceu mediante os contatos com os Professores Roberto Aparici e Píer Cesare Rivoltella, os quais me provocaram a ir mais além do que eu estava pretendendo com meu estudo dissertativo sobre a construção coletiva do conhecimento no ciberespaço. Junto a esta atmosfera de mudanças, a disciplina “Pesquisa em Educação” ministrada pelas Professoras Ângela Sousa e Eliane Dayse Furtado, na qual eu e meus colegas de pós-graduação discutimos os projetos uns dos outros buscando socializar dúvidas e desenvolver as estratégias necessárias para o ritual de defesa de projeto (quesito obrigatório do Mestrado em Educação Brasileira da UFC). Relembro a dor em deixar e desestruturar uma construção que já vinha se solidificando com tanto trato e dedicação, para então deixar nascer um novo projeto que fosse mais além do que eu pretendia: a provocação de estudar a cultura digital de educador@s do campo de Santana. Em meio a esse processo lá estava uma bússola sempre presente, meu orientador Hermínio Borges Neto que acolheu minhas inquietações, acrescentou outras e sugeriu várias leituras que contemplassem este outro campo investigativo. Porém, foi no campo que compreendi que rumo a pesquisa estava tomando. Haviam alguns procedimentos elencados anteriormente, mas na relação com os sujeitos da pesquisa e refletindo as teorias foi que percebi a construção de um método artesanal. Vivendo esse processo foi que delineou-se uma pesquisa qualitativa do tipo participante, na qual realizei um estudo de caso, através de uma aproximação etnográfica, num campo empírico presencial e virtual, com educador@s do Assentamento Santana. Destaco ainda nesse processo as contribuições dos Professores Eduardo Junqueira e Alcides Gussi, para que a etnografia fosse melhor compreendida e discutida no campo. Com o desenvolver dessas estratégias é que as categorias de análise emergiram e foram aprofundadas, relacionando as falas d@s sujeitos com as literaturas sobre os temas emergentes e minhas análises. Desta forma, pode-se considerar que foi realizado o método de triangulação (Triviños, 1987; Minayo, 2005; Archenti & Piovani, 2007).

### ***Pesquisa Qualitativa numa abordagem etnográfica***

A presente pesquisa delineou-se como qualitativa em todo seu processo por ter considerado um plano de pesquisa estruturado, mas aberto à mudanças a partir da relação com os sujeitos (Demo, 2004), num método dialógico (Gomes, 2008, p. 66), onde os nortes investigativos passaram de individuais para coletivos. Nesse sentido o método da observação participante teve como referências e implicou em estar junto com os sujeitos da pesquisa em diversos momentos, tendo como foco observar e ao mesmo tempo interpretar a relação entre cultura digital e educação que esses sujeitos estavam realizando (Grossi, 1981; Ezpeleta e Rockwell, 1986).

Como estratégia foi adotado o registro em diário de campo (Malinowski, 1986). Nele foram descritos os eventos relacionados à cultura digital e educação d@s educador@s de Santana, relacionando essas compreensões com minhas análises e reflexões na intencionalidade de “olhar, ouvir e escrever” (Cardoso de Oliveira, 1994). O campo de pesquisa não foi fragmentado como parece quando coloco presencial e virtual. O que houve foi o trabalho num campo complexo, pois, ao chegar ao Assentamento Santana eu tinha planejado que o CRID seria meu campo de pesquisa, mas não foi bem assim.

## **2.1 Campo empírico: presencial e virtual**

O campo da pesquisa se configurou em presencial e virtual numa ampliação das possibilidades espaciais e temporais e organização didática dos momentos da pesquisa, de acordo com os eventos principais que de alguma forma caracterizassem cultura digital d@s educador@s de Santana. Este campo acabou se configurando pelos momentos onde estivemos junt@s refletindo sobre a cultura digital e educação do campo daquela realidade e isso aconteceu tanto presencialmente (em minha ida à comunidade), como virtualmente<sup>5</sup> via ciberespaço (que embora no conversássemos sincronamente, estávamos em cidades diferentes. A partir dessa experiência confirmam-se os elementos convencionais de uma pesquisa científica só que com outras possibilidades de se explorar o “estar junto”.

### **2.1.1 Campo Presencial**

Para que as pessoas participassem coletivamente da pesquisa adotei as vivências/dinâmicas de apresentar a pesquisa para @s educador@s; construir a linha do tempo da escola do Assentamento Santana, para um contexto que fosse do geral da escola

---

<sup>5</sup> Consideramos o virtual como Auge (2004), onde o virtual é um *não lugar*.

para o específico relacionado com a educação e o círculo da vida, onde a partir das vidas d@s educador@s identificou-se questões pessoais e relações com o objeto de pesquisa.

Numa constante preocupação em armazenar os dados coletados em forma de arquivos digitais através da gravação em áudio no formato *MP3*, fotografias e vídeos digitais armazenados em cartões *SD*, duas canetas *USB* para armazenagem de textos, o computador portátil para fazer *backup* do que se tinha coletado. Essa preocupação foi ampliada com as orientações dadas por Loizos (2007) que ainda não estava inserido na era digital, mas trouxe pontos práticos de como se proceder na relação com as filmagens e fotografias. Os cartazes, desenhos e documentos em arquivos analógicos também foram armazenados, não numa pasta virtual, mas num colecionador, para que fossem devidamente digitalizados.

No que considero *Campo Presencial* foram realizadas 3 vivências/ dinâmicas em grupo que denomino de “Apresentação da Pesquisa”, “Linha do Tempo da Escola de Santana” e “Círculo da Vida”. Aconteceram também visitas às casas d@s educador@s e ao CRID, além de conversas informais. Todos estes momentos estão descritos no Diário de Campo

### ***Apresentação da pesquisa***

Para esta atividade eu havia confeccionado três tarjetas, uma com o título da pesquisa “Cultura Digital e Educação: o caso de Educador@s do Campo em um Centro Rural de Inclusão Digital” e outras duas tarjetas dizendo “O quê?” se estava pretendendo pesquisar e “Como?” o grupo compreenderia que poderia ser feito nesta pesquisa. Durante esta atividade @s educador@s sugeriram que realizássemos encontros virtuais. Essa idéia foi acolhida por contemplar a possibilidade de se cumprir os objetivos desse estudo, conhecendo-se, mapeando-se e refletindo-se educação *de/na/com* cultura digital.

### ***Linha do Tempo da Escola***

Esta dinâmica foi realizada no momento após a apresentação da pesquisa. Ela possuía vários objetivos, dentre eles fazer com que @s educador@s identificassem a partir de suas histórias coletivas e individuais como foi o processo de construção da escola, observar se o CRID apareceria nas falas e que conotação ele assumiria para @s educador@s, além de problematizar e provocar diálogo entre el@s, buscando construir em grupo uma síntese do que foi elencado.

Para separar o grupo de 10 pessoas em grupos menores, com o intuito de colher uma maior diversidade de respostas, eu havia confeccionado papeletas com três expressões de sentimentos: grito, choro e gargalhada. Um saquinho com estas papeletas foi passado entre

@s educador@s, de tal forma que cada um escolhesse o seu e não mostrasse para os colegas. Com os papéis já distribuídos, então solicitei que tod@s ficassem de pé no centro do círculo e expressasse o que tinha em sua papeleta. Foi uma atividade muito descontraída, despertou um sentimento de alegria entre tod@s, o que possibilitou que rapidamente eles identificassem seus semelhantes.

Quando encontraram seus pares propus que cada grupo, em vez de falar, expressasse o que estava na papeleta. O primeiro grupo a se manifestar foi a gargalhada, depois o choro por último o grito. Sugeri ainda se alguém queria mudar de grupo, o que não aconteceu. Após este momento expliquei com detalhes a atividade.

Solicitei que @s educador@s utilizasse a linha do tempo em forma de anos, acontecimentos pessoais e acontecimentos gerais, destacando o que viveram em determinado período, relacionando marcos da escola e da vida del@s como educador@s. Outra sugestão foi de se olhar para o Passado sobre como e que foi esse processo, como está o Presente da escola e o Futuro.

Foi sugerido o tempo de 20 minutos e uma educador@ disse : “eita, menino, que vamos pensar rápido demais”(R.F), o que possibilitou uma maleabilidade para dar mais tempo para criar, visto que realizar um resgate história da escola e retomar isto poderia levar bastante tempo diante de tantos processos que viveram e eu podia sentir que já tinham consciência disto.

Os materiais didáticos dispostos foram cartolinas, pincéis atômicos nas cores verde, azul, vermelho e preto. Cada grupo optou por uma cor específica, a Gargalhada ficou com a cor de pincel azul, o Choro escolheu o tom preto e o Grito ficou com o vermelho. Notei que esta seria mais uma característica para diferenciarem entre si as produções a serem socializadas.

O grupo 1, Grito, composto d@s educador@s J. E., Y., R. e T. O grupo 2, Choro, era composto por E., Z. e M. J. O terceiro grupo foi o da Gargalhada, organizado por L., M. A. e N. .

Sistematizadas, as idéias apresentadas pelos três grupos se expressam através de um quadro criado posteriormente em um programa de edição gráfica, para que se expressassem todos os dados complementados.

### ***Círculo da Vida***

Na atividade de pesquisa denominada “Círculo da Vida” foi proposto que @s educador@s desenhassem em uma folha de papel branco como representariam as suas vidas

se fossem um círculo. Dentro deveriam colocar o que pertence às suas vidas e fora o que elas desejam trazer para suas vidas ou que querem distância.

### 2.1.2 Campo Virtual

O campo virtual da pesquisa emergiu em forma de proposta durante o campo presencial pelos educadores, como já citado, pois não interferiria negativamente na coleta de dados e eles poderiam “falar” nos encontros virtuais, sem a necessidade que o outro calasse. Ao todo, o campo virtual se deu através de 7 encontros, dentre eles, 3 preparatórios, 4 coletivos. A partir da análise de um e-mail enviado pela comunidade a respeito de uma reunião sobre a utilização pedagógica do CRID com seus pontos positivos e negativos, foi que emergiram as categorias de análise e pontos de discussão nos momentos via Internet.

Em relação à etnografia entende-se que ela pode ser vivenciada virtualmente e que nisso novas questões podem aparecer por conta desta forma de estar junto com os sujeitos pesquisados. De certo que continua sendo etnografia, mas deve-se estar atento para as questões de interatividade, navegação e interfaces de comunicação. Sendo assim, Escobar (1994) representa a Ciber-etnografia, Hakken (1999) a etnografia do ciberespaço, Hine (2000) pensa a Etnografia Virtual e Baulieu (2004) concebe a etnografia da/ em/ através da Internet. Este estudo se aproxima mais de Beulieu (2004) e Hine (2000), pois não recaem que etnografia virtual é outra etnografia, mas sim as variáveis tempo e espaço que são ampliadas pela interatividade via Internet. De acordo com essas etnografias considera-se ainda uma referência pioneira no Brasil que traz contribuições para a antropologia nesse contexto mediado por TDIC, trata-se de Ribeiro (2006).

#### *Análise de ferramentas para encontros virtuais*

Antes dos encontros virtuais foi feita uma avaliação de algumas interfaces, como mostra o quadro abaixo:

<b>Interface</b>	<b>Várias pessoas na sala</b>	<b>Marcador de tempo visível</b>	<b>Salva chat</b>	<b>Uso de emoticons</b>	<b>Desnecessário o cadastro de e-mail</b>	<b>Idioma Português</b>
<b>Moodle</b> <a href="http://hbn.multipos.ufrpe.br/moodle/course/category.php?id=14">http://hbn.multipos.ufrpe.br/moodle/course/category.php?id=14</a>	S	S	S	S	N	S
<b>Monline</b> <a href="http://www.multipos.ufrpe.br/monline/login.php?err=1">http://www.multipos.ufrpe.br/monline/login.php?err=1</a>	N	S	S	S	S	S
<b>Chatmaker</b>	S	N	S	N	S	N

<a href="http://www.chatmaker.net/chatap/rooms/entrevistavirtual/">http://www.chatmaker.net/chatap/rooms/entrevistavirtual/</a>						
<b>Chatter</b> <a href="http://momentovirtualcrid.chatter.com">http://momentovirtualcrid.chatter.com</a>	S	S	N	S	S	S
<b>Chatzy</b> <a href="http://www.chatzy.com/965118750460">http://www.chatzy.com/965118750460</a>	S	N	S	N	S	N
<b>Messenger</b> LOGIN: anacarmenss	S	S	S	S	N	S
<b>Skype</b> LOGIN: anacarmenss	S	S	S	S	N	S

TABELA 2: avaliação das interfaces de bate-papo para a pesquisa

De acordo com esta avaliação, os critérios tiveram como base a necessidade da realização de encontros virtuais coletivos numa prática etnográfica. O quesito “salvar *chat*” foi o que mais pesou, pois foi uma recomendação da banca de defesa do projeto de mestrado e de fato havia a necessidade de se registrar todos os momentos, e, para contribuir nesse registro, a marcação do tempo de duração dos encontros. No princípio pensava-se que a questão da pessoa ser obrigada a ter um e-mail seria uma imposição, mas no caso d@s educador@s de Santana, tod@s tem *e-mail*, então não seria um problema. Na verdade, o que eu queria era uma interface que contemplasse todos esses requisitos e também tivesse a opção de exibir imagem de câmera com áudio de ambas as partes e que tudo pudesse ser gravado. A mediação dos encontros virtuais utilizou como bases a experiência de Pereira (2004; 2007) a respeito da mediação pedagógica em *chats educativos*. Para se compreender interatividade utilizamos Silva (2002) e suas reflexões sobre o fenômeno e como analisá-lo diante da interface analisada com as contribuições de Johnson (2001).

### ***Encontros virtuais preparativos***

Aconteceram três encontros virtuais preparativos com E. P, I. F e M. A para que se articulasse o primeiro encontro virtual coletivo. Nesses encontros também foi solicitado o envio dos pontos que @s educador@s ficaram de discutir sobre a utilização pedagógica do CRID.

Para o acontecimento desses encontros virtuais @s educador@s realizaram uma reunião entre si para discutir os pontos positivos e negativos sobre a utilização do CRID. Após este encontro entre el@s me enviaram a súmula da discussão e ao ter contato com esse material é que emergiram as questões que foram aprofundadas nos encontros virtuais

coletivos, que, concomitantemente, possibilitaram a organização dos materiais produzidos até então em forma de categorias de análise do estudo.

### **Categorias de Análise**

As categorias da pesquisa emergiram a partir de uma mensagem eletrônica enviada por E.P. e Y. F, sujeit@s da pesquisa, que elaboraram a sistematização que produziram para discutir os pontos positivos e negativos sobre a utilização do CRID como instrumento pedagógico. O documento que está logo abaixo contém o teor da mensagem na íntegra. Destacado em negrito e itálico estão meus questionamentos:

Reunião dos educad@res do Assentamento Santana realizada dia 25 do 03 de 2008. Iniciou a reunião as 17:00 e foi até as 17:30.

----- Forwarded message -----

**From:** I. F. <y.f.@e-mail.com>  
**Date:** 26/03/2008 21:46  
**Subject:** sistematização da reunião dos educadores de santana  
**To:** carmen@multimeios.ufc.br, Ana Carmen Santana <anacarmenss@gmail.com>

Olá Carmen, estamos enviando o relatório da reunião dos educadores. Os educadores estão propondo que a reunião virtual seja sexta feira as 19:00hs. tial beijos. Qualquer coisa envie um e-mail.

**Reunião dos educad@res do Assentamento Santana realizada dia 25 do 03 de 2008.** Iniciou a reunião as 17:00 e foi até as 17:30. **Análise da reunião dos educad@res do Assentamento Santana realizada dia 25 do 03 de 2008.**

A mesma tinha como objetivo fazer uma **avaliação sobre a utilização** *[Conseguiram avaliar?]* do Centro Rural de Inclusão Digital-CRID. Essa avaliação foi realizada coletivamente foi organizado os educad@res em dois grupos.  
- Um grupo ficou para pontuar os pontos positivos da utilização do CRID e outro para assinalar os pontos negativos a partir de uma perspectiva de **avancar cada vez mais na utilização do CRID como um instrumento pedagógico** *[Como é utilizar o CRID como instrumento pedagógico?]* que amplia as possibilidades dos educandos serem de fato sujeitos capazes de produzir conhecimento para **avancar no processo de organização do assentamento e do campo como um todo** *[Esse é o objetivo da escola de vocês?]*.  
- É importante destacar que **cada grupo fez um debate por dez minutos** *[Esse tempo foi suficiente? Como se sentiram? Quem ficou em cada grupo?]*  
- Logo após retornaram para o coletivo e socializaram o que foi discutido nos grupos *[como foi essa socialização?]*

#### **Pontos positivos:**

- O CRID nos possibilitou a **ter acesso a mais informação** *[que tipo de informação? Que tipos de acesso tinham antes? Conseguem produzir alguma coisa?]* além de facilitar a troca de **experiência e intercâmbio com outras pessoas** *[Que tipo de experiências? Que intercâmbios? Tem algum exemplo?]* E esse diálogo dos nossos educandos com **outras realidades** *[que realidades]* exige que nós educad@res pesquise e **utilize mais o CRID como uma ferramenta a mais no processo de ensino aprendizagem** *[como é que podem fazer isso? Já tem*

*alguma iniciativa para isso?]* Tendo em vista que **os educandos começam a cobrar dos educadores. [Que tipo de cobrança?]**

- Oportunizou os educandos a novas descobertas *[ descobertas de quê?]* (pesquisas) *[O que pesquisam? Como são feitas essas pesquisas? Quais são?]*, e desafios em prol do desenvolvimento da aprendizagem. Além de contribuir com auto-estima das crianças, jovens e adultos *[como é essa contribuição? Com o quê? Eles tem problemas de baixa-estima?]* tanto do Assentamento como das comunidades vizinhas.

- Aumentou o interesse e o número dos educandos *[o interesse e o número tem alguma coisa a ver? Não entendi.]* na escola e atribuímos esses avanços também ao CRID *[O que tem a ver o CRID com isso?]*.

- Ampliou os espaços educativos do Assentamento e motivou a leitura e a escrita. *[em que sentido? Motivou para quê?]*

#### **Dificuldades.**

Muitos educadores tem dificuldade de utilizar o CRID **como instrumento pedagógico [e o que é isso? E para que serve isso? Como vocês acham que poderia ser?]**, as vezes até tem **boa vontade [do quê?]**, mas tem **dificuldade de planejar [como poderiam fazer?]** uma aula a partir da temática ou conteúdo que está trabalhando utilizando o CRID como recurso pedagógico.

**Poucos computadores para muitos educandos [o problema é só esse? Se aumentar o número de computadores resolve o problema?]**. Tem turma que **tem em média 40 educandos [e poderiam pensar numa metodologia para trabalhar com essa realidade?]**.

**Resistência de alguns educadores com novas tecnologias. Como isso acontece? Que novas tecnologias são essas? Como é essa resistência? Quem não utiliza pode dizer como se sente?]**.

**Pouco tempo para estudar e planejar [podariam falar mais sobre a respeito?]**.

Muitos educadores trabalham no turno da manhã e da tarde.

**Formação fragmentada [não entendi? E como poderiam fazer?]**. Precisamos de formação continuada, mais oficinas, cursos *[Por que dizem isso? Para que seriam esses cursos?]*...

Desta forma, as categorias preliminares de orientação da pesquisa foram definidas e durante os encontros virtuais tiveram seus pontos foram explicitados, trazendo um significado coletivo de temas como: acesso e resistência ao CRID; CRID como fonte de pesquisa e a perspectiva coletiva de vivenciar o CRID como instrumento pedagógico para além da “boa vontade”.

#### ***Sujeit@s: participação como critério de seleção***

Para se percorrer a trilha desta pesquisa de forma reflexiva e crítica foi necessário romper com a visão sujeito-objeto como na visão positivista de pesquisa. Assumir uma postura assim não acontece exclusivamente por causa de uma pesquisa. Ao longo da vida, por meio de escolhas, engajamentos e problemáticas pelas quais somos implicados enquanto seres humanos é que se forma o perfil de pesquisador ou pesquisadora. Nesse sentido, para este estudo, considerou-se essencial o envolvimento com os sujeitos da pesquisa para que tod@s se sentissem à vontade de partilhar seus conhecimentos e vivências através do diálogo no

âmbito de sua cultura digital, visto que tod@s foram e são considerad@s construtores de saber, além do fato de nos conhecermos de outros momentos.

Na sistematização da pesquisa é que se elaborou uma tabela de participação, considerando todos os momentos da pesquisa. Opta-se por utilizar as iniciais d@s sujeit@s para preservar suas identidades

Sujeit@s	Grupo do corpo escolar	Momentos da Pesquisa								
		Campo Presencial		Campo Virtual						
		Apresentação da Pesquisa e Linha do Tempo da escola	Círculo da Vida	Encontros Virtuais Preparatório			Encontros Virtuais Coletivos			
				1	2	3	1	2	3	4
(A.)	Educador@s		X							
(A. M. )	Educador@s		X							
(A.L.)	Educador@s	X	X							
(D.)	Educador@s		X							
(E.)	Educador@s	X					X			X
(E.P.)	Educador@s		X		X		X			
(G.)	Educador@s								X	
(G.L.)	Educador@s		X						X	
(G.R.)*	Secretaria									
(I.F.)	Educador@s	X	X	X			X		X	X
(I.P.)	Educador@s							X	X	
(J.E.)	Educador@s	X	X							
(L.)	Educador@s	X							X	
(M.)	Secretaria		X							
(M.A.)	Educador@s	X	X			X	X	X		
(M.J.)	Educador@s	X								X
(N.)	Educador@s	X								X
(R.F.)	Educador@s	X	X							
(T.)	Educador@s	X	X				X			
(Z.)	Educador@s	X								X
(Z.F.)	Educand@									X
Total		11	12	1	1	1	5	4	5	6

A secretária GR participou não participou das vivências mas no campo presencial ela é mencionada.

TABELA 1: participação nos momentos da pesquisa

O critério de seleção d@s sujeit@s partiu inicialmente de uma implicação ética (Sellitz et All,1987), para não selecionar somente aquel@s educador@s que tinham participado da formação no CRID Santana. Mas aconteceu um fato inesperado, el@s acabaram “se escolhendo”, pois no desenvolver dos processos de participação coletiva no campo presencial e virtual é que se conseguiu identificar o perfil d@s participantes. Del@s, 18 eram educador@s: 10 concursad@s pelo município de Monsenhor Tabosa, 1 aposentada, 4 de projetos de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e 3 concludentes do Curso de graduação em Magistério Pedagogia da Terra. Contou também com 2 secretárias da escola e 1 educando.

### 3. CONTEXTOS DA PESQUISA

Era da informação ou do conhecimento? Sociedade da informação ou do conhecimento? Quais são suas implicações em nossas visões e construções de mundo? Estas são perguntas que despertam nossa atenção diante da infinidade de termos e correntes de pensamento que interpretam o fenômeno da globalização (Bauman, 1999) como um dos fatores da exclusão social pelo seu neoliberalismo relacionado com a reestruturação produtiva (Lesbaupin, 2000).

Este quadro de aparentes transformações se expressaria para Lipovetsky (2004) através do consumo e comunicações de massas expandidos, fortalecimento do individualismo, descrença nas revoluções e descontentamento político e militante.

Refletindo sobre o papel do trabalho nesse contexto “mutante” Briggs e Burke (2004) refletem a questão da automação dos processos industriais, a oferta de empregos e a mídia vêm sendo afetadas. Esta relação, trabalho e tecnologias, não permite tecer apenas uma relação dual de empatia ou resistência às tecnologias. É necessário desenvolver uma interpretação que perceba a questão cultural diretamente relacionada com esta (re/des) construção de outro paradigma por meio das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC).

Para compreender esses processos numa visão de *pós-industrialismo*, Bell (1976), diz que surgiria uma nova forma de economia e sociedade, como a sociedade do conhecimento que em suas idéias iniciais, pensava como a economia industrial se concentraria nos serviços, idéias e na comunicação nas instituições de ciência, tecnologia, investigação e desenvolvimento.

Se tomarmos o resgate histórico de Santos (1991), que nos faz compreender que, do ponto de vista tecnológico, na sociedade *moderna* desenvolveram-se o motor à explosão, a fábrica, os objetos, a sociedade de consumo, a notícia, a luta política, o subjetivismo e a unidade. Num movimento em seqüência, mas “em oposição” veio a *pós-modernidade* com os *chips*, signos, shopping, espetáculo, simulacros do real, atuação na micrologia cotidiana, ecletismo, pluralidade e o egocentrismo narcisista.

Considerando que há convivência em tensão entre moderno e pós-moderno, ou pós-industrial, é necessário pensar a sociedade do conhecimento com uma concepção diferenciada da sociedade da informação, pois, geralmente se considera acúmulo de informações com conhecimento construído, e não é bem assim. Relacionado a isso temos a emergência de várias leis, que sistematizadas por Rheingold (2004, p. 21; 85-86), expressam que a Lei de

Moore é pautada na diminuição de preços e aumento da capacidade de processamento dos *chips* e (indústria de computadores e mudanças culturais). A Lei de Sarnoff analisa que existem poucos canais de emissão para grandes números de receptores, o que constata sua tese de que os valores das redes são proporcionais ao número de espectadores (expansão das redes radiofônicas e televisivas). Na Lei de MetCalfe a construção de redes na Internet mais velozes a partir do número de conexões (desenvolvimento da Internet). Com a Lei de Reed temos a consciência da capacidade de ampliar as conexões sociais em rede a partir do número de pessoas diferentes que possam utilizá-la (rede sem fio).

Estas são leis que fundamentam os anúncios de uma sociedade do conhecimento, que ainda está em construção, pois ainda centra-se muito no acúmulo de informações e não na construção do conhecimento. Tomemos como mote de análise para essa questão três equações desenvolvidas por Devlin (1999): <conhecimento = informação>, <informação = dados + significado> e <conhecimento = informação internalizada + capacidade para utilizar a informação>. Assim como para o autor, geralmente se faz uma confusão, ao estabelecer que informação é conhecimento. Na expressão <informação = dados + significado>, é notória a idéia de que, dados, quando introduzidos em uma estrutura global de informações adquiridas previamente, são convertidos em informação ampliando um significado. Avaliamos que esta simples expressão não é explicada a contento, pois, lembramos que esta é a tese central do autor, mas ele se limita a uma explicação simplista deste processo. Já quando diz que <conhecimento= Informação internalizada + capacidade para utilizar a informação>, com esta expressão, o autor delinea seu pensamento, dando fluidez à informação e, sendo esta uma substância, passível de aquisição, armazenamento, apoderada e transmitida por um indivíduo ou um coletivo.

Um referencial também necessário para pensar estas questões é Castells (1999; 2001), que em suas idéias nos leva a entender que, se torna importante considerar a possibilidade de realizar diálogos entre o que é e o que está latente na perspectiva de uma sociedade em rede e que a sociedade da informação é aquela onde ainda estamos inseridos, sendo necessária uma ruptura para a construção da sociedade do conhecimento.

Esta sociedade do conhecimento, a qual este trabalho se refere, toma como pressupostos também as concepções elaboradas por Hargreaves (2003), pensando sobre a questão da educação nesse contexto. Segundo o autor a sociedade do conhecimento também tem problemas, dos quais destaca o consumismo excessivo, perda do sentido de comunidade e o aumento de diferenças entre ricos e pobres. Peça fundamental de seu argumento, o autor apresenta três dimensões da sociedade do conhecimento, resumindo as teorias dos autores de

referência neste campo, sendo estas: a esfera educativa, técnica e científica; os modos complexos de produção e circulação do conhecimento numa economia baseada em serviços; empresas funcionando em forma de sistemas para a criação de equipes e culturas propensas à aprendizagem mútua e espontânea.

Esta sociedade que cada vez mais é implicada pela reflexão em seus contextos globais, locais e glociais (Trivinhos, 2000), na perspectiva de uma cultura digital pautada no não totalitarismo de visões de mundo, lutas contra hegemonias e padrões estabelecidos anteriormente é que se busca a possibilidade de se transpor para o ciberespaço<sup>6</sup> por meio da Internet, que nos faz argumentar que ela foi inventada com fins bélicos no período da Guerra Fria, mas tomou dimensão de rede com os movimentos universitários de democratização e partilha das informações como um todo.

Um elemento importante para essa análise é a preocupação de “humanizar as técnicas”, discussão trazida por Ellul (1968) sobre a preconização do homem racional em detrimento do homem histórico, num contexto onde a técnica nos escraviza e nos leva à otimização do péssimo, numa relação em que a máquina engoliu o homem, sendo este privado de seu prazer de trabalhar e ter consciência do fruto deste feito, o que se caracteriza como um elemento de alienação.

Outro debate neste campo é o de Rabardel (2002), que em contraste com Ellul, traz a problematização sobre objetos antropotécnicos “pensados, concebidos em função de um entorno humano”. Sua questão fundamental, a partir da qual desenvolve suas idéias é se esses objetos nos servem de “muletas que compensam as insuficiências” ou “instrumentos que ajudem a resolver problemas e situações”. Porém, estes objetos são por nós criados, mas não são neutros, como bem colocam Borges Neto e Junqueira (2008), influenciados por Rüdiger (2004), que estes são motivos de lutas e disputa de poder em nossa história, e não pode haver uma visão determinista.

Entretanto, para que não se corra o risco de aparente entusiasmo, as formas de acesso ao universo cultural, disposto na Internet, ainda estão em processo de consolidação, seja através de iniciativas como as bibliotecas virtuais públicas, ou os proliferados *cibercafés*, que se firmam como espaços sociais nos bairros e comunidades mais longínquas dos centros urbanos.

---

<sup>6</sup> A palavra ciberespaço traz em si a concepção de “espaço das comunicações por rede de computação” (Houaiss, 2001, p.711), e neste projeto ele é típico de quem utiliza o meio virtual para se comunicar, tendo como principal interface a Internet.

Para a construção da cidadania, que extrapola o simples entendimento de direitos e deveres, estratégias de acesso às TDIC surgem a partir de iniciativas. Na área governamental temos a criação do Governo Eletrônico, a iniciativa dos Pontos de Cultura e Casa Brasil. No âmbito da sociedade civil, temos o Centro de Democratização da Informação (CDI), Associação para o Progresso das Comunicações (APC) e outros, contribuindo, mesmo que ainda em pequeno número, para a organização da sociedade de maneira mais horizontal e coletiva através da Internet (Pretto, 2006). No Ceará, estado em que se desenvolve este estudo, destacamos duas iniciativas no centro da capital, a Biblioteca Virtual Moreira Campos, na qual temos o Centro de Referência do Professor (CRP) e a Biblioteca Virtual do Centro Cultural do Banco do Nordeste. Pelo interior do Estado temos iniciativas municipais, como “ônibus de inclusão digital” de Viçosa do Ceará, Tauá, Solonópoles e outros poucos “municípios digitais” e os quiosques em algumas praças, as chamadas Ilhas Digitais.

Durante a última década é que vem acontecendo essa explosão de projetos intencionados para a inclusão digital, mas das mais diversas formas. Destacamos alguns modelos para nossa compreensão:

- *doação de computadores:* algumas empresas de TDIC que se encontram com seu parque tecnológico defasado fazem doações para comunidades de tal forma que esta ação ganhe conotação de responsabilidade social, no entanto, é bom atentar para a doação deste equipamento, que aparentemente não serviria mais, agora deve incita as pessoas a reciclarem essas máquinas que empregariam muitos custos para serem descartadas pelas vias burocráticas. Esta é uma iniciativa positiva, pois o meio ambiente é menos degradado, mas numa perspectiva social, traz um grave problema, o custo de manutenção de peças de *hardware* antigo é caro para pessoas de baixa renda, o que caracteriza um “*presente de grego*”, só que tecnológico;

- *computadores com internet banda larga:* esse tipo de iniciativa é uma das mais recorrentes e espaços públicos, como as bibliotecas que antes contavam apenas com seus arquivos analógicos também utilizam das TDIC para ampliarem as possibilidades da população para o acesso às fontes de pesquisa. Nesse ambiente nota-se geralmente a presença de pessoas que podem assumir diversos papéis que vão desde controlar, vigiar, proibir, monitorar ou mediar o acesso das pessoas aos conteúdos na Internet;

- *computadores com formação em cursos de software proprietário:* centros tecnológicos e empresas que visam a formação profissional de pessoas para o mercado de trabalho recorrem

desta forma de inclusão digital. Pode-se considerar esta iniciativa como péssima visto que estes não são requisitos para certificar a competência de uma pessoa no uso do computador;

- *formação para recursos da Internet*: aprender a pesquisar na Internet e gerir uma conta de correio eletrônico são atividades características dessas iniciativas de inclusão digital. São trabalhos repletos de boas intenções, pois lidam com públicos diferenciados (pessoas escolarizadas ou não, ricos e pobres, jovens e idosos), mas podem esbarrar na questão da falta de abertura para ouvir as pessoas sobre o que elas realmente gostariam de aprender.

Estes “modelos” de inclusão digital, dentre outros que possam surgir com suas respectivas peculiaridades, ilustram a necessidade e a provocação de se refletir sobre o que vêm se considerando como inclusão digital pela sociedade de um modo geral. Isso me permite construir um entendimento de que, as formas de se ter acesso às TDIC, mas isso não é garantia de que haja Inclusão Digital. No Brasil, esse acesso ainda acontece de maneira precária, pois é muito focada no consumo de TDIC e não nas possibilidades sociais de desenvolvimento.

Para clarificar esta questão, o Comitê Gestor de Internet do Brasil (CGI) realizou em 2005 e 2006 uma pesquisa sobre o uso das TDIC no Brasil, onde, o percentual de brasileiros que nunca usou a Internet no ano de 2005 era de 67,8%, dados que no ano de 2006 reduziram em 1,1%, com o resultado de 66,7% (Balboni, 2007). Já para o acesso a computadores na escola observou-se uma grande redução, de 24,5% para 18,5%, e para o acesso à Internet, passou-se de 21,3% para 15,6%. No Mapa da Educação Básica do Brasil realizado pelo Ministério da Educação através da Secretaria de Educação Básica (MEC, 2006), ao navegar nas opções (Qualidade > Livros e equipamentos > Equipamentos), constata-se que não há referência ao índice de escolas com acesso à Internet, encontra-se apenas o número de computadores que, de 1999 a 2002 era 53.583, e em 2006 contabilizou-se 118.372.

Esses dados não tocam na questão cultural das pessoas envolvidas em relação à Inclusão Digital. Se expor à mídia e às TDIC não significa que haja uma transformação, desenvolvimento ou mudança social. O que há é o foco em consumidores, o que é diferente de uma sociedade da aprendizagem (Fróes, 2005) letrada digitalmente com cultura digital contextualizada à sua realidade.

Traçando uma relação direta com os dados apresentados pelo CGI, observa-se que por parte dos gestores de políticas públicas de inclusão digital prevalece a concepção de que basta ter o computador para ser considerado incluído digitalmente, sem dar a importância necessária para as TDIC no contexto de sociedade em rede, de que grande parte pode ser excluída.

Agregando mais elementos para compreender estes dados, toma-se o Governo Eletrônico-Serviço de Atendimento ao Consumidor (GESAC), como iniciativa mais visível do governo no tocante ao acesso às TDIC, que, em agosto de 2007, contabilizou 3.350 instituições com acesso à Internet, dentre elas algumas escolas públicas.

Esta questão da disponibilidade de espaços para acesso à Internet e outras TDIC, o mero acesso à rede mundial de computadores com política pública para conexões de qualidade a baixo custo ou de grandes espaços com computadores dispostos, como ocorre em muitos países desenvolvidos, não garante estar “na rede” de fato ou estar incluído digitalmente. Como isso acontece então? Dispor computadores novos ou usados, conectados à Internet podem ter grandes interesses econômicos em jogo, o que identificamos como uma recorrente postura *tecnofílica*, onde a adoção das tecnologias é feita com a ausência de senso crítico sobre o que essas tecnologias podem acarretar ou não em nossas vidas. Porém, a postura *tecnofóbica*, o outro extremo, não pode ser considerada como meta a se seguir, visto que não há como se negar nossa imersão no mundo das tecnologias. Embora não seja acessível a todos e todas, essas TDIC, em potência, estão em nosso cotidiano em seus conceitos e meta-referências, mesmo que não seja materialmente, seja no urbano como no rural.

Para pensar TDIC pela educação que prime a construção de conhecimento com o uso do computador, considera-se que não se trata de uma tarefa meramente mecânica. A ação cognitiva mediada por uma realidade social propicia uma construção do raciocínio mais elaborado, caracterizando uma cultura digital contextualizada. Portanto, pensamos as seguintes variáveis para que essa relação se efetive:

*- que os aparatos tecnológicos dispostos nesses espaços de uso coletivo estejam em constante atualização de hardware e software*, para que o obsoleto não seja sonho e o que for *de ponta* não seja privilégio de poucos;

*- que gestores dos espaços coletivos atuem como mediadores culturais*, de maneira que as pessoas se tornem independentes, por exemplo, não tomando o *mouse* e o *teclado* dos usuários para resolver problemas por eles. No momento em que isso acontece, priva-se o outro da oportunidade de manusear o aparato tecnológico e desenvolver seu raciocínio;

- *que haja mediação cultural, na perspectiva de sistematização e contextualização dos saberes digitais e científicos com os saberes desenvolvidos pela comunidade*, para que as pessoas construam seus processos coletivos e individuais de descobertas;

- *que a necessidade de se informar e conhecer continue como luta coletiva*, pois as informações estão em constante atualização e se está cada vez mais distante da meta de estar sempre bem informado, conhecendo e sabendo de tudo, como se considerava possível na “sociedade enciclopédica”, mas as decisões dos rumos da sociedade não podem insistir no isolamento físico ou cultural.

Vale ressaltar que no Brasil, mesmo diante de tantas adversidades sociais, econômicas e sua complexidade organizacional é relevante refletir sobre o que diz respeito aos direitos à cultura e educação, assegurados na Constituição Federal Brasileira de 1988, no Art. 216º em seu inciso III, o processo de acesso e produção de nossa diversidade cultural por meio das TDIC ainda vem ocorrendo de maneira muito lenta e problemática.

Portanto, sistematizando estes elementos teóricos e reflexivos interligando com “fios” de minha trajetória de vida, evidencia o entendimento que venho construindo num campo no qual atuo, reflito, retomo e sou provocada a dialogar com outros pesquisadores.

### **Os Centros Rurais de Inclusão Digital**

Em março de 2004 iniciaram as primeiras negociações entre UFC e INCRA para o que se pensava como redes rurais. Em meio a debates foi realizado um levantamento de que comunidades poderiam ser “beneficiadas” pelo projeto e então montar uma agenda estratégica para efetivar as idéias. Estas iniciativas estavam contextualizadas pelos processos políticos de então, como a eleição de um presidente advindo do seio dos movimentos sociais, pelos debates com mais voz para a questão do desenvolvimento rural sustentável, a possibilidade da constituição de uma rede digital de cooperação rural, dentre outros.

Em linhas gerais, os CRID constituíram-se inicialmente como Laboratórios de Informática Educativa (LIE) geridos pelas comunidades assentadas no rural, em localidades de difícil acesso físico e com limitações de comunicação com o meio externo. Os CRIDS foram instalados inicialmente em dois assentamentos rurais federais, primeiramente em Santana localizado em Monsenhor Tabosa- CE, a 275 Km de Fortaleza, e posteriormente em Todos os Santos sediado na cidade de Canindé- CE, a 155 Km da capital. Desde 2007 estão acontecendo debates para a expansão dos CRID e ainda e em breve estarão implantados em três comunidades do Ceará e uma da Bahia. Começou pelo Assentamento 10 de Abril,

localizado no Crato- CE e nos Perímetros Irrigados de Morada Nova- CE, Icó-Lima Campos- CE e Euclides da Cunha- BA.

Nesta nossa descrição Santana e Todos os Santos, mas especificamente o primeiro, serão detalhados, iniciando pela localização demonstrada na figura:

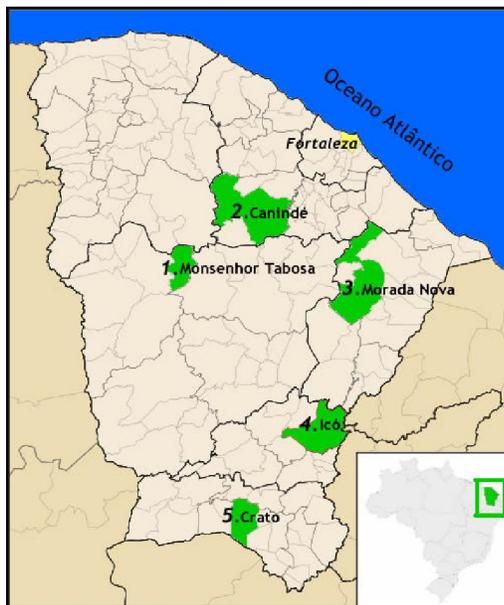


FIGURA 1 - Mapa do estado do Ceará destacando a capital Fortaleza e as cidades onde estão ou serão instalados outros CRID.

Santana é um assentamento que está localizado no município de Monsenhor Tabosa, distante 275 Km de Fortaleza, constituído em forma de agrovila, com 71 famílias assentadas e 9 famílias agregadas, onde as casas formam um grande retângulo e os equipamentos sociais como a igreja, a Escola de Ensino Fundamental e Médio São Francisco, o posto médico, a cooperativa e o CRID estão no centro do assentamento, a dispor da comunidade e assentamentos vizinhos, como demonstra o mapa elaborado por uma pessoa da comunidade:

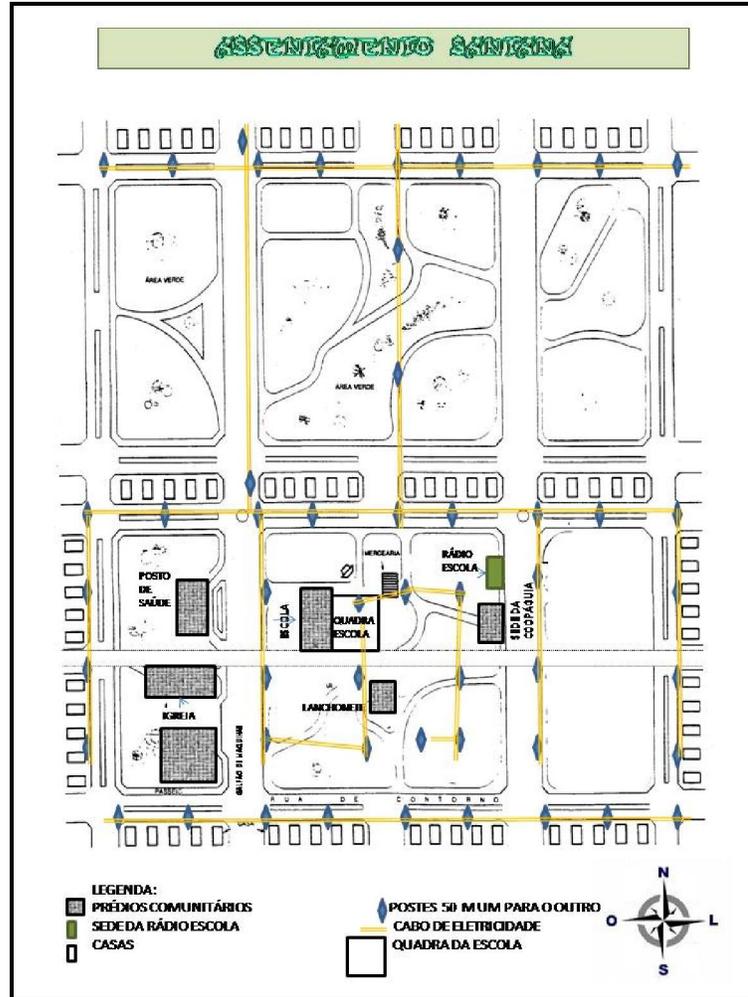


FIGURA 2: Mapa do Assentamento Santana elaborado por Getúlio, um educador da comunidade e gestor do CRID Santana.

Antes da implantação do CRID Santana, a forma de comunicação desta comunidade com o meio externo era através de um telefone público que ainda funciona de forma precária e uma estrada carroçável de 70 Km para a sede do município, em condições intrafegáveis no período chuvoso.

O Assentamento Santana é considerado uma referência no estado do Ceará pelas lutas que vem travando através de sua capacidade de organização. As lutas pela terra e sua posse como lugar para viver com dignidade, pela construção da escola e por uma educação segundo as Diretrizes Operacionais da Educação do Campo (Resolução CNE/CEB Nº1- de 3 de Abril de 2002), se constituem como movimentos pertinentes à história do Assentamento Santana, que vêm se desenvolvendo ao longo desses 20 anos com uma característica peculiar de

organização em forma coletiva. Segundo @s educador@s que participaram da pesquisa a luta se representa em momentos como

**R. F.** :[...] no início quando foi construída a escola. [...] se deu com muita dificuldade, muita luta que existiu, não existiam conflitos mas existiam, teoricamente existiam, conflitos políticos pra construir essa escola né? Mas a gente conseguiu. [...] de 1988 até 1991 foram concluindo o Ensino Fundamental I, aí surgiu a necessidade da gente construir então o Ginásio [...] Então aqui só existia só até a quarta série. Mas houve uma luta nova junto à secretaria, criamos uma comissão de educação junto com o assentamento. Essa comissão de educação era formada por pais de educadores e alunos né, essa comissão foi também à secretaria fazer uma reivindicação e conseguimos a quinta série, do ano de 92 que no qual tinha muito aluno pra fazer esse ensino fundamental. Não podia se deslocar daqui pra cidade, então a gente conseguiu aqui pro assentamento. (R. F., Linha do Tempo)

Esta luta citada pela educadora R. F. vêm a esclarecer que as lutas e opções políticas da comunidade podem implicar em conflito político que se expressem por estratégias de enfraquecimento dos coletivos, como aconteceu em 2001, quando educador@s foram privados de exercer o direito de lecionar em condições dignas em sua própria comunidade:

**Z.** : Em 2001 iniciou-se a luta pelo ensino médio no assentamento, colocado diante do remanejamento de professores da nossa escola, que até então a gente não tava pensando nisso, aí aconteceu o remanejamento das colegas, dos professores, um tanto enganadas, sem trabalhar, a oportunidade de serviço, de serviço então a parti daí existiu uma luta pelo ensino médio aqui no assentamento. (Z., Linha do Tempo)

Reforçando a questão do remanejamento outra educadora trata este mecanismo de desorganização d@s educador@s de Santana como uma injustiça e que causou efeito contrário, deixou os profissionais mais unidos e com pauta de luta mais objetiva em prol do desenvolvimento educacional da comunidade:

**N.** : [...] como já foi falado, nasceu de uma grande injustiça que aconteceu entre os servidores daqui de Santana, que foram remanejados que foi uma besteira, e foi aí que tendo em vista essa necessidade diante das lutas nasceu esse desejo de implantar o ensino médio já que na época é já tinha essa necessidade por termos mais de setenta educandos ociosos aí sem estudo, os pais não tinham como levar os filhos até a cidade [...] a questão de estudo, de faculdade, a faculdade existe mas na verdade sabemos ainda que nem todo mundo é valorizado, nem todo mundo pode entrar ainda em uma faculdade, chegou lá, você vê pra isso precisa de lutas não é isso? E pra isso que acontecer, precisamos cada vez mais estarmos unidos né, nesse curso de aperfeiçoamento, de conhecimento, de valores... (N., Linha do Tempo)

Tendo como referencial a história do Assentamento Santana e sua escola pelas falas d@s educador@s é possível dizer que as tentativas de desarticular os coletivos organizados podem ser praticadas, mas o desenvolvimento sustentável numa concepção holística deve contemplar

princípios, como os que encontramos na filosofia de Jara (2003), que nos provoca a compreender esta questão na perspectiva de que:

Em todo canto as necessidades humanas são as mesmas e elas são, também, potenciais de mudança. Todo processo de exclusão social, por exemplo, leva escondido seu oposto, a energia para participar e atuar como sujeito livre, capaz, e incluído. E principalmente, porque as políticas públicas articuladas e baseadas no paradigma de desenvolvimento sustentável, as parcerias público-privadas, podem mudar os relacionamentos de dependência, interdependência intra e inter-territorial, mesmo neste momento de globalização do sistema econômico que tende a ofuscar às lógicas territoriais achatando a diversidade da vida social local. Jara (2003, p. 15)

O outro assentamento rural onde o CRID está inserido chama-se Todos os Santos. Ele fica a 32 km de Canindé e a 155 Km de Fortaleza, com 72 famílias espalhadas ao longo de sua extensão, em forma de lotes individuais e a 30 Km de distancia da sede do município.

Todos os Santos está aparentemente perto do município, mas o caminho é feito através da CE-040, o qual é oferecido riscos de acidentes para os assentados, que são em sua grande maioria pedestres, além da falta de um telefone público, providenciado depois da vinda do CRID através de mensagens eletrônicas para a empresa responsável pelo equipamento.

A escola fica em frente ao CRID, o que permite aos alunos e professores no mínimo a proximidade física das tecnologias computacionais, mas já é possível notar, a partir de observações preliminares e de análise de alguns relatórios de viagem, que o fim da aula é acompanhado por uma reserva de horário para acessar o CRID.

Nos encontros presenciais, que duravam três dias, os assentados realizavam as atividades de: montagem e limpeza dos equipamentos (computadores, *mouse*, teclados, *scanner*; mesas e cadeiras) do CRID; desenvolvimento de noções para gestão do espaço e seus recursos; aprender requisitos básicos à inclusão digital como a pesquisa na Internet, abertura das contas de correio eletrônico e comunicação síncrona, cadastro em listas de discussão; utilização de recursos de edição de textos, imagens e apresentações, tudo em software livre e com pessoas de várias faixas etárias. Para a realização deste trabalho muitas relações emergiram e precisam ser detalhadas.

### ***Sujeitos e relações: as trocas e reflexões nos processos formativos***

Na implantação do CRID são envolvidos bolsistas que desempenham a função de bolsista-pesquisador. O público é formado por estudantes do ensino médio, graduação e pós-graduação. Para o funcionamento de suas atividades planejadas, o CRID contou/conta com parcerias entre Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária/ Ceará (INCRA/CE), Banco do Nordeste do Brasil (BNB) e Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA),

através do Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural (NEAD) e mais recentemente por conta de sua expansão, com a Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Ceará (SDA), Secretaria de Cultura (SECULT) e Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS).

Os CRID dos assentamentos são Laboratórios de Informática Educativa (LIE) que estão num contexto de: locais de difícil acesso geográfico; a gestão está sob a responsabilidade das comunidades dos assentamentos rurais.

- *Bolsistas com os Gestores do laboratório:* os bolsistas do projeto CRID da UFC deslocam-se para os assentamentos no intuito de realizar as oficinas de formação das pessoas da comunidade no intuito de se garantir o funcionamento dos CRID;

- *Bolsistas com os professores:* os bolsistas do CRID trabalham a formação continuada dos professores de assentamentos para que estes utilizem pedagogicamente as TDIC;

- *Professores com seus alunos:* utilizando o CRID como um LIE o professores e alunos garantem novas possibilidades de qualidade ao acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), exercendo a autonomia diante dos desafios formação ao longo da vida e de auto-formação.

- *Gestores com a comunidade:* mediante a formação dos bolsistas com os gestores do CRID, estes planejam e realizam atividades para a criação e o fortalecimento da cultura digital da comunidade responsável pelo CRID e localidades circunvizinhas.

Estas relações acontecem distribuídas nos trabalhos de 4 grupos transversais para a realização das atividades.

### **3.2 Linhas de ação do CRID**

O CRID é constituído por 4 linhas de ação dividida por quatro grupos de atuação de bolsistas e coordenadores de formações multidisciplinares. Articuladas, essas linhas buscam a garantia do acesso da comunidade às TDIC com qualidade e mediação pedagógica realizada pela própria comunidade. As atividades do projeto em sua fase de implantação são planejadas utilizando as metodologias Engenharia Didática de Artigue (1988)<sup>7</sup> e Sequência FEDATHI (2003)<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Metodologia desenvolvida na França para o ensino de Matemática, envolvendo os momentos anteriores e posteriores à uma seção didática.

<sup>8</sup> Tem como aplicação o detalhamento pormenorizado de cada atividade da Engenharia Didática.

Estas duas metodologias Engenharia Didática (que encara a aula como um momento repleto de seções didáticas) e Seqüência FEDATHI (passos metodológicos - Tomada de posição, Maturação, Prova e Solução- desenvolvidos dentro da Engenharia Didática) nos orientam a considerar a possibilidade do “erro” como potencial indispensável nas estratégias de aprendizagem, trabalhando necessariamente com contra-exemplos e situações que partem do geral para o particular. Em linhas gerais a Seqüência FEDATHI configura-se com o uso das TDIC num continuum complexo e não uma receita estanque, da seguinte forma:

- *Tomada de posição:* é o momento da apresentação do problema, seja de forma escrita ou verbal, através de perguntas, manipulação de materiais concretos ou através de analogias, dinâmicas de grupo ou programas educativos livres, além de trabalhos individuais ou em grupo. Durante os encontros são tomadas diversas tomadas de posição e cada uma deve ser pensada anteriormente, levando em conta, por exemplo, se a situação problema, para ser solucionada exige Internet ou que outros recursos;

- *Maturação:* nesta etapa compreendem-se e identificam-se as variáveis envolvidas no problema através do diálogo entre os sujeitos, levantam-se e testam-se hipóteses e também estabelecem analogias mais próximas da realidade dos sujeitos educandos. Os níveis e desníveis tentam se equilibrar a partir dos agrupamentos;

- *Solução:* para que supere esta é necessária uma intensa troca de idéias. O pesquisador comporta-se como animador de descobertas, organizando as soluções, sendo esta a principal característica desse momento. Muitas vezes é importante não facilitar as soluções para que haja uma representação qualitativa de soluções originais. Questionar, instigar e devolver as perguntas são ações bem vindas para que haja a expressão de soluções provenientes de diversas formas de raciocínio;

- *Prova:* esta é a fase onde se sistematizam e socializam-se as melhores soluções de determinadas situações problema buscando-se eliminar procedimentos repetitivos ou desnecessários para o desenvolvimento de atividades semelhantes posteriormente.

Estes passos são desenvolvidos principalmente através da postura mão no bolso onde procura-se não tocar nos equipamentos que as pessoas estejam manipulando, para que o conhecimento a ser construído seja concretizado e não criar dependência dos usuários em

relação aos bolsistas- pesquisadores do Multimeios com os gestores do CRID e desses gestores com as pessoas da comunidade.

A primeira fase desses trabalhos acontece no Laboratório de Pesquisas Multimeios, pensando possibilidades de se trabalhar a mesma atividade em três modalidades: com internet, sem internet e sem energia. Depois vai- se às comunidades e aplicam-se as atividades. Posteriormente, quando a equipe de bolsistas- pesquisadores volta para Fortaleza, inicia- se a fase da Análise a *Posteriori* do que foi trabalhado, avaliando o que não deu certo, o que pode melhorar e como adaptar melhor os conteúdos e experiências para as comunidades onde trabalhamos.

Os encontros presenciais, que duravam três dias, eram aqueles onde os assentados realizavam as atividades de: montagem e limpeza dos equipamentos do CRID; desenvolvimento de noções para gestão do espaço e seus recursos; aprender requisitos básicos à inclusão digital como a pesquisa na Internet, abertura das contas de correio eletrônico e comunicação síncrona, cadastro em listas de discussão; utilização de recursos de edição de textos, imagens e apresentações, tudo em software livre e com pessoas de várias faixas etárias. No caso d@s educador@s, também iniciaram esse percurso de inclusão digital junto à comunidade, mas com um diferencial, o de que, além de aprender para o uso individual, deveriam compreender as utilizações pedagógicas desses artefatos através de uma formação em Informática Educativa. Isso implica em uma série de planejamentos de acordo com cada situação de trabalho com o que consideramos de Condições Normais de Trabalho e Pesquisa (CNTP) e suas possibilidades. Portanto, as áreas de aprofundamento de atividades educativas e pesquisas no CRID contemplam as áreas de formação dos gestores do espaço, inclusão digital, educação a distancia e informática educativa.

**Z. :** só uma pessoa mesmo que teve, o felizardo foi o Mauricio, ele teve a formação e passa pra gente assim, ele foi lá pra formação, mas não teve essa formação que nós tivemos, desde conhecer a ferramenta, tá entendendo?

**Carmen:** e esse pessoal não pensa em chamar vocês pra dar um curso de capacitação?

**M. A. :** no começo o que mais ouvi dizer que hoje é o coordenador pedagógico da escola, antes veio aqui olhou o nosso, disse que ia fazer um programa especial pra os gestores formarem os professores diz que ia dar curso, só que ficou só no be a ba, e aí ficou de se procurar um dia. Não a gente tá organizando um projeto, pra vir a bolsa né, dinheiro pra pagar que não tinha nenhum voluntário daqui da cidade que tava escasso né, pra dar certo pra chamar o gestor de lá pra dar o curso

**E. :** mas no caso de fazer isso pedagogicamente nós professores é que tem que ir não os gestores, que os gestores é o pedagógico [...], receberam o curso diferente né, aí não...

**M. A. :** com certeza, aí não ...

**Carmen:** capacitar os professores pra poder trabalhar com a informática educativa.

**Z. :** só sei que o programa é o linux que eles trabalham né, pra isso é que tinha que receber essa formação.

**Carmen:** vocês também trabalham com linux né? Então a principio qual seria a dificuldade, qual é a dificuldade?

**E. :** uma interação muito legal se tivesse isso.

**Carmen:** mas pode ainda acontecer, não tem ainda os computadores?

**Várias vozes:** tem!

**Carmen:** não tem a internet? Não tem vocês? Não tem os outros professores?

**E. :** se disser assim: troca os 40 computadores de lá pelos dez que tem aqui, os daqui são muito melhores, por que enquanto que eles lá fizeram quatorze fichas lá nós fizemos aqui 3.600 e tanto

### ***Formação de gestores***

Essa linha de ação tem como meta formar membros da comunidade na gestão do CRID através de ações administrativas, de manutenção preventiva e corretiva, formação e orientação de usuários. Durante a formação os gestores passam a ser os multiplicadores locais das ações de inclusão digital do CRID, adaptando para suas realidades o que aprenderam.

### ***Inclusão Digital***

Permitir não só ao acesso às tecnologias, mas ao seu uso em benefício pessoal, profissional e coletivo é a meta da Inclusão digital trabalhada no CRID. Não se trata apenas da oferta de cursos de informática básica, mas de ações educativas baseadas na necessidade de resolução de problemas identificados pela própria comunidade.

### ***Educação a Distância***

Os momentos à distância acontecem durante as vivências onde se mediava para que os assentados utilizassem o que tinham aprendido presencialmente e pudessem realizar novas descobertas através de atividades de pesquisa sobre os assentamentos que davam nome aos computadores do CRID.

### ***Informática Educativa***

Esta linha objetiva-se a viabilizar a inclusão digital escolar favorecendo a formação em saberes específicos com base na formação dos professores em informática educativa.

Estas linhas de ação do CRID, quando estão articuladas buscam construir uma cultura digital com os sujeitos envolvidos no processo educativo, com a finalidade de que as comunidades se tornem autônomas ao longo do processo de implantação e consolidação do projeto, de maneira sustentável garantindo sua continuidade. Neste sentido, o CRID adota as seguintes formas de sustentabilidade:

- *Garantia de funcionamento do CRID:* através desta ação se faz a mediação do processo de

inclusão digital da comunidade rural onde o projeto está inserido, através da manutenção preventiva dos equipamentos computacionais, manutenção de hardware e software livre;

- *Garantia de acesso as TIC:* refere-se à formação para o uso das TIC em benefício pessoal, profissional ou coletivo. a disponibilidade do acesso às tecnologias digitais através de atividades educativas. Sendo assim, a inclusão digital permeia todas as ações do projeto, buscando construir junto com as comunidades rurais assentadas, uma cultura digital que atenda as necessidades rurais peculiares a esse contexto;

- *Garantia de qualidade de acesso:* caracteriza-se pela instalação dos recursos da informática como suporte ao professor, funcionando como um instrumento a mais em sala de aula como ferramentas pedagógicas, com o intuito de promover reflexões e construir uma cultura digital com os professores e professoras rurais, através de novas metodologias, adequadas à realidade da educação do campo;

- *Criação de uma cultura de Educação a Distância (EaD):* a EaD do CRID oferece cursos abertos à toda comunidade, beneficiando não só os assentamentos diretamente envolvidos no projeto através da formação dos técnicos do INCRA em educação on-line, para que atuem nas comunidades rurais, diminuindo a necessidade de visitas ao assentamento, mas propiciando uma melhor e mais efetiva qualidade no atendimento de ocorrentes dúvidas através da ferramenta “CRID ON-LINE”;

- *Formação de uma consciência educativa pelas TDIC:* essa é a perspectiva macro de sustentabilidade do CRID, pois através da formação crítica da comunidade para lidar com o que é produzido e consumido através das TDIC. Não é que aconteça transformações culturais na maneira de ver o mundo, não é intenção do CRID mudar as pessoas, o que há são outras possibilidades de se expressar as culturas locais para o mundo de maneira consciente do papel de cada um na sociedade do conhecimento.

Diferente de outros projetos e programas de Inclusão Digital, os CRID acabam se configurando como Laboratórios de Informática Educativa (LIE), que funcionam como local de encontro para a troca de experiências e saberes entre os próprios assentados, professores da escola do campo, universitários do Curso Pedagogia da Terra e das universidades de

Fortaleza, não só em relação às questões tecnológicas, mas também no aspecto acadêmico e profissional.

Segundo Borges Neto (1998), a Informática Educativa caracteriza-se pelo uso da informática e seus recursos como suporte para o professor, como um instrumento complementar a situações de sala de aula, no qual o professor possa utilizar essas ferramentas. Nesse sentido, o computador é explorado pelo professor que recebeu formação para lidar com o ensino auxiliado pelo uso do computador explorando sua potencialidade e capacidade, tornando possível simular, praticar ou vivenciar situações, fundamentais à compreensão de modelos de conhecimento que se está construindo. Ela funciona como um meio didático, na medida em que pode oferecer representação específica de um saber, facilidades de manuseio, socialização do que está sendo construído e uma possibilidade para acompanhar, a distância, a construção de um procedimento realizado pelo aluno, observando suas incertezas, hesitações, até que ele encontre o seu caminho rumo ao saber.

Atentando para esta dimensão educativa do CRID como um LIE a escola deve estar envolvida desde o processo de instalação dos computadores no CRID, entendendo que a caracterização do uso do computador dentro do projeto CRID pela escola, pode-se considerar que a cultura digital está sendo desenvolvida com/ na/ e pela educação. Importante dizer que essas experiências no rural, enquanto pesquisadora e bolsista, foram indispensáveis para construir com os colegas pesquisadores do Laboratório Multimeios uma abordagem de inclusão digital a ser vivenciada sem estereótipos<sup>9</sup>. Esta preocupação sempre foi persistente, pois as equipes multidisciplinares eram formadas por alunos predominantemente urbanos e isso não poderia ser fator descartado na criação de estratégias de elaboração e mediação em práticas e reflexões nas vivências de cultura digital junto às comunidades assentadas rurais.

#### **4 A CULTURA DIGITAL D@S EDUCADOR@S DO CAMPO DE SANTANA**

Este capítulo tem como papel relatar minha experiência de pesquisa através de um diário de campo. Sua escrita não foi estanque e teve como papel representar a partir do processo de distanciamento construído da realidade e reposicionamento de postura quanto ao papel que eu estava desempenhando nesta ocasião. Sua estrutura está desenvolvida a partir dos eventos presenciais e virtuais do estudo. As imagens e falas coletadas buscam dar um

---

<sup>9</sup> Essa preocupação com a questão dos estereótipos está em constante processo de reconstrução, tendo como referência os estudos de Barthes (1987) e Quin (2006), pela necessidade de se desconstruir a imagem do rural massificada pela mídia e o zelo em não perpetuá-las por meio de generalizações.

recorte do que se pode compreender como cultura digital e sua vivência educativa para @s educador@s do Assentamento Santana.

### ***O retorno ao Assentamento Santana***

No período que antecedeu o desenvolver da pesquisa eu estava combinando com estudantes do curso Pedagogia da Terra da UFC sobre como ir para o Assentamento Santana e elas fizeram o convite para que eu fosse com elas. Aceito o convite, ficamos acertando os detalhes de onde sairíamos, quem iria, onde eu ficaria e outras questões.

A saída prevista para Santana seria às 19:00, do centro de treinamento do MST no bairro da Piedade em Fortaleza. Porém, o transporte atrasou por conta de outra atividade antes de nos pegar e nesse meio tempo jantei com as colegas e alguns dos alunos que tinham participado da disciplina Tecnologias Digitais e Educação, ministrada por mim e outras colegas do Laboratório Multimeios.

Com este clima de vamos ou não vamos foi que o transporte chegou por volta da meia noite no alojamento. Eram tantos volumes para se colocar dentro da *van*, que por pouco eu pensei que não daria para ir com o grupo, mas nos encaixamos, ajustamos os embrulhos e nos acomodamos sem esquecermos de colocar o cinto de segurança.

Ao todo foram 5 horas de viagem no transporte escolar e éramos 10 meninas ansiosas, cada uma por seus motivos. Ao chegar à comunidade, muitas famílias estavam a postos esperando por elas, mas estavam esperando por mim também. Cheguei sem saber para onde iria, mas fui encaminhada para a casa dos pais de uma das alunas do curso Pedagogia da Terra, a qual eu estava dando algumas orientações para sua monografia. Me destinaram um quarto, uma cama e apoio para levar adiante as atividades da pesquisa que já haviam iniciado.



FIGURA 3: Imagem do quarto da casa onde fui acolhida.

Acordei às 07:30, e no rápido café na casa que me acolheu tive a informação de que o recreio na escola pela manhã era às 9:30 e de tarde às 15:00. Eu tinha a pretensão de ficar no CRID nos horários intermediários e marcar um encontro com @s educador@s para sábado ou domingo no intuito de realizar as vivências/ dinâmicas de grupo. Ir à casa de cada um para convidar me parece uma idéia interessante, mas acho agora que se eu for na escola ter o primeiro contato isso pode ficar acertado logo, vamos ver a receptividade del@s. Às 9:40 fui à escola munida de uma bolsa com o diário de campo, caneta e lápis, uma máquina fotográfica, um gravador *MP3*, pilhas recarregáveis, uma garrafa d'água e outras coisas femininas.



FIGURA 4: Primeira imagem que tomei da escola para fins da pesquisa.

Na escola encontrei M. J. no horário do recreio e falei se haveria a possibilidade de um encontro entre nós onde eu apresentasse minha pesquisa e realizasse umas vivências em grupo. El@ disse que essa conversa seria necessária e que a escola estava passando por um processo de mudanças, mas não se alongou. No meio do caminho encontramos T. e aproveitei a oportunidade para falar de nosso encontro. Depois fui ao CRID que tem também a Secretaria da escola funcionando ao lado, com a presença de M. e G.R. que me passaram informações sobre @s educador@s que estavam lecionando em suas respectivas modalidades e as disciplinas.

### ***Um computador para o dia-a-dia***

Depois destas informações colhidas fui à casa da educadora Z. que estava planejando aulas e me contou uma novidade, que naquela casa tinha um computador novinho e completo. O equipamento estava na sala da casa como uma televisão ou um rádio.



FIGURA 5: Educadora com sua filha diante do computador familiar.

Embora sem internet, a alegria del@ e de sua filha era grande, assim como o desejo de ter acesso em casa foi revelado. Falou que gostaria de acessar de casa, se pudesse até pagava, porque vê o CRID como um espaço coletivo e comprou o computador para facilitar e agilizar as atividades cotidianas, o que confirmou minha visão de que os espaços coletivos e individuais no Assentamento Santana são bem demarcados.

Isso me fez lembrar de tantos estudos que vêm sendo realizados sobre o Divisão Digital (Sartori, 2006), Inclusão Digital (Michelazzo, 2003; Rigitano e Moraes, 2005), Exclusão Digital (Silveira, 2001; Warschauer, 2006), Fosso Digital (Warschauer, 2003), Letramento Digital (Bianconcini de Almeida, 2005). Alfabetização Tecnológica (Sampaio, 2001). Estes termos, analisados em Pellanda et all (2005) e tantos outros rótulos tornam difícil por qual optar teoricamente e politicamente como meta brasileira, como tenta Silveira (2005). Nesse sentido, não se opta por nenhum nessas linhas teóricas, numa implicação mesmo, como a de Papert (2008) ao falar dos computadoristas (Papert, 2008, p. 150- 168) e Borges Neto e Junqueira (2008) sobre os difusionistas tecnológicos.

Dentre os termos, a Alfabetização Tecnológica é o que geralmente é utilizado para definir as questões de cultura digital das pessoas e em sua essência transplanta o modelo de alfabetização infantil para o universo tecnológico, sendo mais um dos pressupostos para oferecer cursos tecnológicos de como lidar com as TDIC e não com o que pode acontecer ao utilizá-las na produção de conhecimento. Alfabetizar aí implica também numa visão estigmatizar as pessoas em analfabetos digitais, que em nossa sociedade é carregado de

preconceito. Sobre isso e pesar dos anos 80, aparentemente superado pelas “novas teorias”, Mattos (1982) já anunciava que no início da informatização brasileira

[...] todos aqueles que abominam as mudanças porque privilegiados pela ordem de coisas vigentes, prefeririam que a informatização da sociedade ocorresse mantendo as atuais relações de poder. Esse não é o caso da difusão da informação, porque na medida que aumentamos o número de pessoas bem informadas, certamente aumentamos o índice de participação coletiva no processo de mudanças e, como consequência poderão advir significativas alterações na estrutura política e econômica da nação. Eis porque é tão complexo estabelecer uma política nacional de informática. (Mattos, 1982. pg. 341-342)

O computador na casa da educadora é alvo econômico e bandeira política pela mascarada luta pela “inclusão digital” brasileira. Só o computador não basta, mas ele ainda é uma mercadoria que faz com que mercados externos fiquem muito interessados no Brasil para colocarem nas vitrines e pautas de discussão sobre em que modelo, ou rótulo, classificar o país na sociedade do conhecimento.

Desta forma, a cultura digital que se pensa construída pela e na educação é um fenômeno que se retroalimenta das vivências educativas em coletivos ou individualmente no acesso às informações no ciberespaço. As pessoas continuam com suas culturas, mas há espaços para se readaptar, ou customizar, para os momentos educativos vividos com as tecnologias digitais.

### ***Bordando uma vida***

Após este encontro me dirigi para a casa de E., que me trouxe um grande saco cheio de artesanato. Eram bordados com o ponto vagonite, que ela revelou ter aprendido e ampliado os conhecimentos via Internet. Não resisti àqueles coloridos e perfeição de trabalho e adquiri algumas peças, numa forma de incentivo ao comércio solidário que faz parte da comunidade no espaço da bodega comunitária que tem sua renda voltada para a comercialização de gêneros alimentares produzidos na própria comunidade. Ela ainda me contou que G. estava no CRID e antes era o J.E. e o motivo dessa troca era que este segundo só ia lá para fazer suas atividades pessoais, o que trouxe mais um indicativo de demarcação dos territórios individuais e coletivos nos espaços sociais de lá.

Quanto ao bordado aprendido e melhorado pela Internet, a partir das socializações das outras pessoas, considero elementos que apontam para uma cultura digital dessa educadora. Esse fenômeno da Cultura Digital, também vem sendo estudado por Costa (2002), Gere (2002), Decol (2005) e Tapia (2006).

Geralmente a Cultura Digital também é pensada pelo termo da moda (ou tendência?), a Cibercultura. Lemos (2002) é um referencial indispensável para se pensar essas questões,

assim como Rudiger (2007). Porém, outros questões também vêm sendo apontados, como o de Scolari (2004) sobre como é fazer *clíc*(2004) nessa sociedade do conhecimento, Manovich (2006) tratando a fundo a questão da imagem na era digital que implica em compreender como isso vem acontecendo historicamente e Brea (2007) ao considerar mudanças culturais apontando para uma cultura \_RAM.

Perguntando-me como Canclini (2003), “como estudar a cultura se existem tantas definições”, pretendo não desenvolver uma abordagem teórica sobre cultura, mas centrada em cultura digital, como um processo que se constrói educativamente de maneira individual, mas principalmente em grupos, com reconstruções de universos simbólicos e construção de percursos singulares de vivência em cultura digital.

### ***Conversa no CRID***

No final da tarde fui ao CRID e lá encontrei as secretárias M. e G.R com a educadora N. que organizavam alguns documentos. Disseram-me que muita gente tinha passado por Santana fazendo pesquisa e que agora El@s estavam fazendo pesquisa também, como no caso d@s educador@s Z., N. e R. F., além das alunas do Pedagogia da Terra. Esse comentário reforçou muito o que eu estava pensando, em relação a dizer o que eu estava fazendo ali dessa vez, no caso, uma pesquisa também.

Fui ao CRID fotografá-lo com seus elementos de cultura digital que eu já tinha indícios de encontrar e a professora L. estava na Internet visitando um sitio de física ([www.fisica.com.br](http://www.fisica.com.br)), olhando um dicionário de Física, letra por letra e disse que vem pouco ao CRID, mas hoje veio. Perguntou-me sobre como visitar uma biblioteca virtual para acessar livros de Física e Matemática. Disse que às vezes procura uma coisa e vem outra. Foi fazendo suas pesquisas e me relatando o que estava fazendo, como a pesquisa em Matemática, ela pesquisava e dizia:

*Eu agora vou procurar coisa de Matemática, de como usar na sala para o dia-a-dia[...] Nesse site tem muitas letras que não tem nada[...]Minha filha entra em tudo e não se contenta com uma coisa só, é Orkut, mensagem, foto e tudo. Eu só tinha vindo pegar ela e acabei ficando. [...] Não gosto muito de Física, gosto mais de Matemática, só de Matemática. Determinados conteúdos eu trago meus alunos, como o Binômio de Newton, onde eles fazem prova on line de 4 e de 6 num computador. Depois eu olho a resposta, mas tem que fazer o cálculo no caderno, não chute, depois de fazer é que marca a prova on line. Eu só trago de acordo com o tema, geralmente Geometria Plana e Analítica, mas tem tema que não tem.[...] Eu tava procurando dinâmicas de grupo para todas as disciplinas. Entrei no [www.paroquiadaessurreicao.com.br](http://www.paroquiadaessurreicao.com.br).*

Nesse momento ela digitou a ressurreição com o “ç” e por isso o endereço não entrava, mas aí deletou tudo, entrou no [www.google.com.br](http://www.google.com.br) e digitou na barra de pesquisa a palavra “dinâmicas” e o primeiro endereço era esse que ela queria entrar. Ela acabou fazendo uma demonstração de dinâmica comigo, a dinâmica do barco<sup>10</sup>, pegando uma folha de caderno e ajustando o tamanho para fazer um quadrado, depois desenhou quatro círculos nas pontas da folha quadrada e um círculo maior no centro. Dentro dos círculos ela colocou duas dificuldades, o tempo e o medo. Só colocou essas duas dificuldades e não acrescentou outras por não julgar necessário e mais precisamente no centro do papel, colocou a palavra planejamento e em seguida colocou a palavra CRID paralela ao círculo central. Depois desse processo de escrita, a educadora confeccionou um barco de papel. Dando seqüência, começou a contar uma história de um barco que estava numa tempestade em alto mar. De repente ela rasga a ponta do barco de papel por conta da “tempestade” e depois a outra ponta e o cume do barquinho, isso narrando uma história de dificuldades do barquinho nessa situação. Ao final da narrativa restou um barquinho quase todo destruído, mas eis que ela começa a abrir o papel e o barquinho vira um colete salva-vidas sem as dificuldades, pois haviam sido rasgadas na simulação da tempestade.

Essa dinâmica me surpreendeu, primeiro porque foi tão despreziosamente apresentada e vivenciada e segundo porque a intencionalidade da educadora em testar comigo me permitiu aprender com ela esta atividade que ela revelou ter selecionado para o seu primeiro dia de aula para fazer com os educandos. Segundo, porque vi ali como a educadora realizava seu processo de utilização do CRID como instrumento pedagógica, pesquisando, planejando e refletindo sobre como faz esses processos.

### ***Escrevendo o CRID por imagens***

Ainda no CRID parei para pensar imagens que explicassem meu olhar sobre aquele espaço a partir do olhar do Assentamento Santana. Foi um processo que serviu para analisar o Projeto CRID, implantado pelo Laboratório Multimeios da UFC, mas bastante adaptado para a realidade do Assentamento Santana. Os horários de funcionamento antes pensados pela UFC era de domingo à domingo, de 7:00 às 22:00 da noite. A comunidade está fechando o CRID dia de domingo e durante as reuniões da comunidade. Chegamos lá tentando induzir algumas regras de funcionamento, como o preenchimento de uma ficha com os dados

---

<sup>10</sup> <http://www.paroquiadaressurreicao.com.br/pascom/dinamic/din2a.html#dificuldade>

pessoais dos usuários e atividade que deveria realizar. Essa atividade ainda continua, e quando alguém de fora vem para o CRID também são convidados a assinarem um livro de visitas.

Fotografei seis materiais: dois cartazes que optei por transformar em, uma imagem interna do CRID, a captura da tela padronizada dos computadores do CRID, um computador desenhado numa cartolina e um quadro de fotos antigas.

Observem um dos dois avisos que tem afixado em uma das paredes do CRID:

<p style="text-align: center;"><b>CARTAZ 1 DO CRID</b></p> <p style="text-align: center;"><b>MANDAMENTOS DOS USUÁRIOS</b></p> <p>1º- RESPEITAR OS GESTORES E AS NORMAS DO CRID 2º- VIR COM AS MÃOS LIMPAS E ROUPAS ADEQUADAS 3º- RESPEITAR SEU HORÁRIO 4º- MANTER O AMBIENTE LIMPO E ARRUMADO 5º- LER O JORNAL(FAVORITO) 6º- ZELAR PELOS EQUIPAMENTOS 7º- NÃO É PERMITIDO BAIXAR QUALQUER TIPO DE PROGRAMA DA INTERNET 8º- NÃO É PERMITIDO JOGOS QUE ESTIMULE A VIOLENCIA 9º- CASO OS USUÁRIOS NÃO CUMPRAM AS NORMAS, SERÃO SUSPENSOS 10º- POR UMA SEMANA, SE CONTINUAREM DESRESPEITANDO-AS FICARÃO SUSPENSO POR UM MÊS.</p> <p>AGRADECEMOS SUA COMPREENSÃO</p>
---

QUADRO 1: Mandamentos dos usuários do CRID Santana

Dentre estes mandamentos, me chamam atenção os 5º, 6º, 7º e 8º, por terem ligação mais expressiva com as práticas educativas do Assentamento Santana. Forçar as pessoas a lerem não é uma obrigação para Santana, é uma regra social relevante, pois não se trata de uma simples leitura. Ela é acompanhada pelos gestores, que chegam para as pessoas, perguntando o que tem de novidade, o que está acontecendo, no intuito de que não se corra o risco do usuário apenas *passar o olho na tela*. O 6º trata do zelo com os equipamentos de *hardware*, já que eles consideram uma conquista do Assentamento, também é uma tarefa coletiva zelar por este espaço. O 7º indica também uma preocupação coletiva, de zelar pelo

*software* do CRID e não ter problemas éticos de acessarem algum material ilegal e o 8º trata da preocupação em não permitir o acesso a jogos que incitem violência, compreendendo que a mensagem passada pelos jogos são, de certa forma, fazem alusão ao que pode ser vivido presencialmente, colocando em tensão os jogos virtuais de violência.

Já no segundo aviso observemos as dicas de sítios de pesquisa. Esse material foi socializado via Internet através da lista de discussão CRID-BR. Nela, constam indicativos procedimentais para qualquer pessoa que deseja fazer pesquisa em educação, mas a meu ver não serve só para interessados na área, porém, os endereços são específicos para pesquisadores científicos, também presentes no assentamento.

<p style="text-align: center;"><b>CARTAZ 2 DO CRID</b></p> <p>Sites interessantes para pesquisadores em Educação Capes <a href="http://periodicos.capes.gov.br/">http://periodicos.capes.gov.br/</a> Prossiga <a href="http://www.prossiga.br">www.prossiga.br</a></p> <p>Como iniciar uma pesquisa? 1º é preciso saber: o que queremos encontrar? Quais as fontes onde iremos pesquisar? Web Bibliotecas Virtuais Sites específicos</p>
--

QUADRO 2: Cartaz com dica de pesquisa no CRID.

Abaixo temos um indicativo de cultura digital no CRID Santana. Trata-se da logomarca do projeto, pintada pelas pessoas da comunidade. Isso mostra que Santana empoderou-se do CRID. Geralmente, quando algum projeto é “levado” para as comunidades, junto também vai uma placa de propaganda, que geralmente com o tempo perdem as letras, criam ferrugem e são esquecidas pelas pessoas. Aqui é diferente. Juntar dinheiro entre as pessoas do CRID, pegarem a logomarca da Internet, colocar o artista da comunidade para agir, são iniciativas que demonstram como o CRID é importante nas vidas daquelas pessoas.



FIGURA 6: imagem interna do CRID.

Outra imagem que demonstra transposição didática é a captura da tela dos computadores de Santana. Recordo-me que ao implantar o CRID havia uma logomarca padrão do Multimeios nas telas dos computadores. Rapidamente os gestores e outras pessoas da comunidade descobriram como mudar a proteção de tela. Naquela ocasião pensei em alguns momentos que estavam sendo “desobedientes” em não seguirem à risca o comportamento por nós esperado segundo nossa concepção de “gestor do CRID”. Depois comecei a considerar aquilo significado de que estavam aprendendo alguma coisa. Dessa vez, com o olhar de pesquisadora, consegui identificar que aconteceu uma transposição didática do que eles sabiam, que era alterar a tela, para a realidade deles, criando uma logomarca, fazendo referência ao Laboratório Multimeios através de sua logomarca e um pensamento de Cora Coralina que expressa tudo: “Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.



FIGURA 7: Tela padronizada no computador do CRID.

Como você vê um computador? Se for ao pé da letra, podemos utilizar esse computador de papel desenhado por pessoas do CRID. Esse desenho expressa exatamente, destaque para os botões de liga e desliga na *CPU*, como são os computadores de Santana. Na tela, não tem só CRID, mas CRID Santana.



FIGURA 8: desenho de como é o computador do CRID Santana

Se “recordar é viver” o CRID Santana viverá por muito tempo. Abaixo podemos ver um quando feito pelos gestores do CRID Santana, com fotos que expressam alguns momentos importantes para a vida dessas pessoas. A foto 1, ao lado da palavra CRID no sentido horário, tem um grupo de gestoras com suas batas de trabalho. Uma delas está com a mão no bolso, postura de quem faz a gestão do CRID, para não tocar no *mouse* ou teclado dos usuários, para não privá-los de construir seus próprios conhecimentos. Abaixo dessa foto, algumas

crianças manipulando o computador, uma com o mouse e outra com as idéias junto à colega, depois temos o Prof. Hermínio e um gestor do CRID falando sobre o CRID e por último o espaço caracterizado de LIE de Santana, no período da formação que a equipe da UFC desenvolvia através da equipe com seus bolsistas coordenadores.

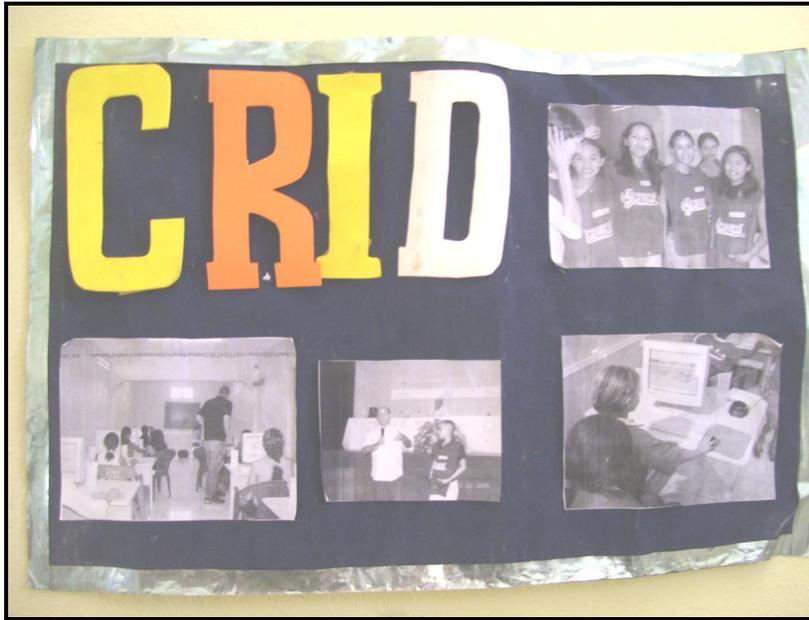


FIGURA 9: desenho de como é o computador do CRID Santana

### ***Reverendo postura 1: mudança de papel?***

Às 10:30 o CRID fechou porque alguns gestores não vieram. Um usuário que chegou e não encontrou ninguém foi chamar o pessoal do turno em casa. Eu não quis interferir nisso, porque não era meu objetivo, mas fiquei atenta para se este evento acontecesse em outros momentos e perguntar sobre o acompanhamento da comunidade em relação a esse fato. Isso expressou o desejo da pessoa da comunidade em ter seu direito de acesso garantido e pelo que notei, se isso acontece, tod@s já sabem a quem recorrer, encontrando onde está não somente a chave para o CRID, mas para o mundo.

Se fosse aos tempos do CRID eu teria ido a casa desses gestores ou gestoras, conversado sobre porque isso estava acontecendo e convocar uma reunião como todo o coletivo de gestores do CRID Santana, mas não fiz. Seriam esses elementos de empoderamento do CRID para a realidade local? Eu preferi pensar assim, pois como relata Duarte (2007)

O laboratório funciona no período de 7h às 12 hrs e das 13 h às 21 de segunda à sábado. Quando há eventos e reuniões o CRID é fechado para que dê oportunidade dos gestores também participarem. (Duarte, 2007. p. 74)

### ***Convite via rádio***

Depois dessa reflexão fui à rádio da comunidade. Essa rádio foi instalada mediante conhecimento de que ali havia um CRID. Foi um trabalho da Organização Não Governamental (ONG) Catavento em 2006. Lá na rádio estavam dando os parabéns para os aniversariantes do dia e registraram minha presença no assentamento por conta da pesquisa que eu estou desenvolvendo. Me deram a palavra e reforcei o convite para @s educador@s do assentamento para a reunião às 14:00 na escola. Disse que poderiam vir tod@s, da educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e EJA. Nesse meio tempo percebi algumas pessoas chegando de bicicleta ou correndo. Eram parentes e amigos dos aniversariantes que vinham deixar bilhetinhos com mensagens de parabéns aos aniversariantes, alguns escritos a punho e outros textos tirados da Internet ou digitados no CRID. Informaram-me também que nos domingos, às 9:00, tem um programa do MST com seis apresentadoras e nele debatem pautas, socializam encaminhamentos e outras atividades referentes ao movimento.

### ***Reverendo postura 2: CRID ainda fechado***

Ao sair da rádio, por volta das 11:00, notei o CRID ainda fechado pois o grupo gestor responsável não apareceu. Fiquei muito preocupada, mas não quis chamar atenção das pessoas sobre isso porque, apesar de ser da equipe que implantou o CRID ali, e de certa forma ainda me sentir um pouco responsável pelo funcionamento, não considerei um comportamento adequado para aquela situação. Depois de tanto tempo sem vir e ver que de certa forma tornaram-se autônomos na gestão do CRID, eles poderiam ter optado por não funcionar no horário de almoço, visto que o hábito de almoçar em casa com a família faz parte da vida daquelas pessoas e desfaltar a mesa poderia ser uma grande omissão para aquela vida coletiva. Mas essa foi uma hipótese que levantei no momento, além de fechar para evitar custos com energia elétrica e deixara aberto apenas em horário escolar (matutino, vespertino e noturno).

### ***“A pesquisa é minha, mas a intenção é que ela passe a ser nossa”***

Agora são 13:45 e cheguei mais cedo na escola para organizar as coisas e tive uma surpresa, ainda não tinha chegado ninguém, mas como foi marcado para 14:00 vamos ver no que vai dar. Aos poucos @s educador@s chegaram e se acomodam na sala 1 da Escola São Francisco, conforme a figura a seguir:



FIGURA 10: foto-montagem de algumas educadoras esperando o encontro iniciar.

Iniciamos a tarde com uma dinâmica que eu havia vivenciado no Assentamento Santa Bárbara (Caucaia-Ce), durante a pesquisa “A Educação do Campo: um desafio do contexto dos Assentamentos Rurais do Ceará”, na qual realizamos um diagnóstico de como as pessoas compreendem pesquisa, como gostariam de ser pesquisados, além de levantar elementos que pudessem contribuir para melhorar nossa estratégia na coleta de dados. Nessa vivência expressou-se que o quê as pessoas estavam percebendo que eu iria pesquisar e como se daria este percurso, expressando os objetivos e a metodologia da pesquisa.

<b>Sujeit@</b>	<b>O quê?</b>	<b>Como</b>
<b>(J.E.)</b>	O processo de interação escolar com o Centro Rural de Inclusão Digital	Por meio de oficinas, entrevistas, enquetes, pesquisas e observações com o coletivo de educadores/as e com o assentamento Santana como um todo.
<b>(N)</b>	CRID. Comunicação e educação na busca de crescer e transformar.	Através de entrevistas, observações, pesquisas e intervenções (oficinas).
<b>(R)</b>	O currículo dos educadores do campo. Formação dos educadores na área digital.	Pesquisando, realizando troca de experiências, encontros, reuniões, palestras e visita aos educadores.
<b>(Z)</b>	Como os educadores de Santana estão utilizando o CRID pedagogicamente.	Por meio de pesquisas, seminários, fóruns e entrevistas.
<b>(T)</b>	Como estamos aplicando a escola do campo e como estamos utilizando o CRID.	Através de cursos e pesquisando os educadores.
<b>(M.A.)</b>	Como nós educadores estamos usando o CRID para a nossa formação.	Através de cursos e palestras pelo MSN.
<b>(L)</b>	Como está sendo trabalhado em sala de aula a inclusão digital.	Através de pesquisas, diálogo com educadores e educandos.
<b>(M.J.)</b>	O desenvolvimento educacional, o que está sendo utilizado.	Entrevistando, gravando e avaliando.
<b>(E)</b>	CRID. Uso dos educadores, educandos.	Através de observações, encontros, pesquisas de forma dinâmica que nem se percebe.
<b>(Y)</b>	Como os educadores do campo estão articulando a cultura digital com educação/ escola/ avanços e desafios.	Observações, encontros, roda de conversar com os educadores e comunidades
<b>Minha proposta</b>	Conhecer, mapear e analisar as vivências, percepções e reflexões de/na cultura digital d@s educador@s do campo no CRID, analisando se há e como é esta relação com a educação e como é este processo.	Dinâmicas, conversas, entrevistas presenciais e virtuais, visitas, diário e reflexões coletivas.

TABELA 3: socialização da Apresentação da Pesquisa

Após a socialização percebemos que alguns pontos foram repetidos e ficou patente que minha proposta de pesquisa estava em sintonia com o pensamento d@s educador@s do assentamento sobre como gostariam de ser pesquisados.

Tem que ver que ao longo do tempo muita gente veio aqui ver a gente como objeto, não como sujeito, que é diferente dessa proposta que a gente tá aqui como sujeito também e trazer algo para construir também e não como acabado. (I. F., Apresentação da Pesquisa)

Outro achado foi sobre como el@s compreendiam a forma de pesquisar coletivamente.

Eu acho que sua pesquisa ela pode até depois né, contribuir para nosso processo de desenvolvimento da educação, porque é mais um resgate da história, daquilo que é possível acontecer, daquilo que a gente pode mudar, que a gente não pode mudar do nada, mas a partir do momento que você começa a perceber e ver as coisas aí você pode mudar, pode inovar, pode transformar, pode recriar, né. (R. F., Apresentação da Pesquisa)

Diante do exposto, foi necessário pensar coletivamente para que o diagnóstico da realidade sobre a cultura digital e educação de Santana não expressasse apenas o meu olhar, mas o de tod@s envolvidos no processo da pesquisa.

Uma das falas expressa como viver essa cultura digital coletivamente diante do fenômeno da globalização.

É por que aí não tá falando de interação escolar com o Centro Rural de Inclusão Digital? Não é o mesmo ali na comunicação e educação na busca de crescer e transformar, é quando nós sabemos que estamos numa era de globalização, pra nós, acompanhar todo esse universo e todo esse processo, o CRID vai ser um dos meios para otimizar para que a gente possa acompanhar essa modernidade. [...]Você vai esperar pela demanda, com isso aí, você quer saber o que quer fazer, por isso que é importante você dizer o que quer fazer, o seu objetivo é exatamente isso diagnosticar todo esse processo. (R. F., Apresentação da Pesquisa)

A questão das conversas via Messenger<sup>11</sup> ganhou destaque na fala d@s educador@s, o que me levou a acolher essa possibilidade de realizar encontros virtuais. A idéia havia sido cogitada por mim nos momentos de estudo, mas colegas e professores me fizeram refletir melhor para não impor esse tipo de atividade, ficando, portanto, em potência a realização destes experimentos.

R.F. : e aqui a questão das conversas virtuais né?Ali foi muito feliz, com as conversas via MSN.

Carmen: As conversas via msn. . .

M.A. : Aqueles papos que nós já tivemos Carmen, risos. (R. F, Carmen e M. A., Apresentação da Pesquisa)

Foi explicado o uso do @ durante a pesquisa e isso gerou um debate

Carmen: eu fiquei esperando vocês me perguntarem uma coisa, em relação a isso daqui ó, o arroba e aí eu vou contar pra vocês, talvez vocês não perguntaram por que acharam normal.

---

<sup>11</sup> Programa gratuito de conversação síncrona via Internet.

Várias vozes: Não, achei criativo. Criativo, criativo  
Carmen: é só criativo?  
M.A.: Sim, mas tem vários significados, quer saber com em aqui em Santana como é que ta.  
R.F. : Fala de informática, de inclusão, é questão de identidade, caracterização...  
Carmen: Nós só temos educadoras?  
Várias vozes: Não, tem também educadores. Homens e mulheres.  
Carmen: Vocês tem só educadores?  
R.F. : Quando têm educadores eu coloco é um parêntese ou barra.  
Carmen: Mas aí é onde está, quando eu coloquei o arroba, esse arroba além de trazer um conceito de educadores no contexto da educação e cultura digital, também é uma questão de gênero, é um “a” e um “o”.  
M.A.: É mesmo.  
Carmen: então é uma questão de inclusão, pra não ficar todo instante a chamando educadores e educadoras quando eu estiver escrevendo, logo na primeira página eu coloco, viu J.E, aí é por causa de você, do G., por que a escola é um ambiente que geralmente é povoado por mulheres.  
R.F. : então o @ é usado para identificar a questão de gênero  
Carmen: O caso bem específico que é subgênero e a questão também de pessoas no processo de inclusão digital, então essa aí foi a minha intenção não foi só a criatividade, foi uma criatividade intencional, tem toda uma intenção, então aí é isso. Então gostaria de propor outra atividade agora.  
M.J. : foi uma nova pra mim.  
Carmen: Foi uma nova?  
E. : Agora tem gente que vai ter dois arroba. Um aluno, Marquinhos, que no nome onde tem o “a” e o “o” ele bota o arroba. Eu vou dizer, meu filho, isso aqui representa gêneros, você tem os dois gêneros? [risos] (Debate coletivo entre Carmen, M.A., R. F., M. J, e E., Apresentação da Pesquisa)

No debate ficou evidente que o arroba para o grupo ganhou diferentes características, desde a representação de novidade ao universo simbólico d@s educadores nos quesitos inclusão, designação de gênero ao preconceito latente d@ educador@ Z., quando fez a brincadeira com o aluno sobre os dois arrobas em seu nome que poderia trazer a conotação de dois gêneros, ou seja, homem e mulher.

### ***Resgate histórico da Escola de Santana***

Na dinâmica da Linha do Tempo da Escola de Santana buscou-se que el@s relatassem os fatos importantes da educação no assentamento através do que entendiam por escola. A divisão em 3 grupos foi pensada para que mais elementos pudessem aparecer e identificar se falaria de Cultura Digital.

Considero importante expressar as falas d@s educador@s durante essa atividade, para que se compreenda o processo da construção da escola do Assentamento Santana a partir da visão dessas pessoas. Desta forma, o grupo 1, Grito, composto d@s educador@s J.E., Y., R., T. utilizou diversas cartolinas, colando uma à outra, construindo uma linha do tempo traçada

no espaço de todo o papel, destacando os acontecimentos referenciados aos anos dentro das categorias Passado, Presente e Futuro.

Passado						Presente	Futuro
1988	1992/93	1997/1998	2000/2005	2001/2006	2003/2007	2007/2008	Perspectivas
-Construção da Escola; -Ensino infantil e Fundamental I; -Associação destinava 5% para educação; -Escolha dos professores.	-Ensino Fundamental II e supletivo a distancia; -Vinda de professor;	-Curso Médio. Magistério -EJA/ ASSEJA -Mobilização e conquista	-Telecurso 2000 Fundamental/ Médio; -Formação em curso superior prof. e técnicos.	-Ensino Médio Regular Científico; -Magistério; -Remanejamento de alguns professores e servidores	-Educação do campo; -Formação de educadores e construção de PPP e regimento escolar; - CRID; - Rádio Escola;	-Implementação do Projeto Político Pedagógico da escola(PPP)	-Construção da estrutura física; -Autonomia do projeto.

QUADRO 3: linha do tempo da escola pelo grupo Grito

Num diálogo coletivo, algumas vezes complementada pel@s colegas diz-se que

R. F. : [...] Não se conta *o processo que se deu com muita dificuldade, muita luta que existiu, não existiam conflitos mas existiam, teoricamente existiam, conflitos políticos pra construir essa escola né?*Mas a gente conseguiu. [...]

Então aconteceu também é 2003 a 2007 já a questão da educação do campo já começou aí, a formação de educadores, a construção do Projeto Político Pedagógico, do regimento escolar, o CRID e a rádio escola que foram os acontecimentos bons que aconteceram na educação. Dentro dessa formação de educadores que está o meu caso o meu curso de especialização está o curso de Pedagogia da Terra, mas a gente já colocou também essa questão do curso lá no presente, certo? E então aqui no presente a gente colocou a implantação do Projeto que a gente colocou, do Projeto Político Pedagógico da escola, com ele está a questão dos rendimentos que está incluído dentro da proposta e as perspectivas é a construção da estrutura física, autonomia do projeto, e com essa autonomia a gente ainda tem “n” coisas que a gente tá querendo implementar né? Com essa autonomia, aí tem a ciranda infantil, e todo o processo metodológico né, a implementação também do projeto, por isso que a gente não especificou, por que essas outras coisas estão dentro desses marcos aí.

Carmen: humhum (confirmando)

R. F. : ficou bem completo agora. (Diálogo coletivo, Linha do Tempo)

Com o término desse grupo iniciou a apresentação do grupo 2, Choro, que era composto por E., Z., M.J. e diferente do primeiro grupo, sistematizaram suas idéias em forma de texto que foi lido durante a apresentação:

<p>Linha do tempo da Escola de Santana</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>⇒ Iniciou em Agosto de 88, com as séries iniciais de creche à 3ª série</li> <li>⇒ A partir do ano de 89 foi implementado a 4ª série (com exceção de duas professoras);</li> <li>⇒ Nos anos 90 foi iniciado o ensino de 5ª a 8ª série com professores das localidades Tourão e Barreiros, tendo em vista que</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>⇒ A formação dos nossos professores era apenas até a 4ª série. Com isso os educadores foram sentindo a necessidade de se capacitar melhor.</li> </ul>

<p>Sendo que esta formação se deu através de curso à distância na sede do município, concluindo o ensino médio.</p> <p>⇒ Em 1991 aconteceu o primeiro concurso público municipal onde participaram todos os educadores</p>
<p>que estavam em sala de aula. Até então os educadores eram escolhidos em assembléia.</p> <p>⇒ Em 97 aconteceu o 2º concurso público totalizando em 11 educadores e 16 auxiliares no assentamento. A partir de então iniciou-se a formação dos educadores de nível superior.</p> <p>⇒ Em 2001 iniciou-se a luta pelo ensino médio no assentamento, pela ocasião do remaneja-</p>
<p>mento de 8 funcionários da nossa escola.</p> <p>⇒ Em 2003 começamos pensar na implementação da E.C. construção do P.P.P.</p> <p>⇒ Em 2004 tivemos a conquista do CRID</p> <p>⇒ Em 2006 iniciamos oficinas relacionadas a rádio escola</p> <p>⇒ Perspectivas: autonomia da escola, infra-estrutura, curso de aperfeiçoamento na área de educação do campo.</p> <p>Escolas Agrotécnicas Ciranda infantil Valorização dos educadores Aprovação do P.C.C.</p> <p>* Com exceção de duas professoras.</p>

QUADRO 4: linha do tempo da escola pelo grupo Choro

As falas principais deste momento expressam que

Z. : [...] Em 1991, aconteceu o primeiro concurso público municipal, onde participaram todos os educadores que estavam em sala de aula. Até então os educadores eram escolhidos em assembléias até acontecer o primeiro concurso público os educadores para lecionar aqui no assentamento eram escolhidos em assembléia, era a assembléia que dizia, é esse aqui que tem que ser. [...] em 2004 tivemos a conquista do CRID, então foi nesse ano que a gente junto aos movimentos sociais, à UFC e ao INCRA, enfim, MST que a gente construiu, implementou, conquistou esse projeto de inclusão digital aqui no assentamento. (Z., Linha do Tempo)

Segundo @ educador@ o CRID veio como uma conquista para a comunidade, em meio aos movimentos de luta pela terra e condições dignas para nela viver. Lembro que naquela ocasião houveram muitos debates travados entre movimentos sociais, INCRA e universidades, na busca de se pensar conjuntamente uma integração em torno do rural cearense como uma rede de cooperação.

Por fim, se apresentou o grupo 3, Gargalhada, organizado por L., M.A. e N., que diferente dos dois primeiros grupos, estruturou seus pensamentos em forma de tópicos em três

cartolinas, que foram explicados em suas falas separadas pelos temas indiretos passado, presente e futuro.

<b>LINHA DO TEMPO DE NOSSA ESCOLA</b> → 1988: Fund. I → 1992: Fund. II → 2000: Telecurso TAM → 2002: Ensino Médio Regular → 2004: CRID → 1998 a 205: Graduação e habilitação dos professores; → 2006: Curso Profissionalizante; Rádio Escola Digital;
<b>2008</b> → 1º ANO CIENTÍFICO 58 → 2º ANO CIENTÍFICO 42 → 3º ANO CIENTÍFICO 32 → INT. PEDAGÓGICO 37 → CRECHE AO 9º ANO= 136 → EJA= 180 → PÓS-GRADUAÇÃO= 08 → PEDAGOGIA DA TERRA= 05 → CIÊNCIAS AGRÁRIAS= 03 → TÉCNICO AGRÍCOLA= 01 + 03 “ESTAMOS NO MUNDO NÃO APENAS PARA CONHECER O QUE É MAIS SOBRETUDO FAZ SER O QUE NÃO É.” <sup>12</sup>
<b>FUTURO</b> → ESTRUTURA FÍSICA → AUTONOMIA DE NOSSA ESCOLA → CURSO PROFISSIONALIZANTE PARA TODOS ASSENTADOS @ NO ASSENTAMENTO SANTANA → EMPREGO PARA TODOS

QUADRO 5: linha do tempo da escola pelo grupo Choro

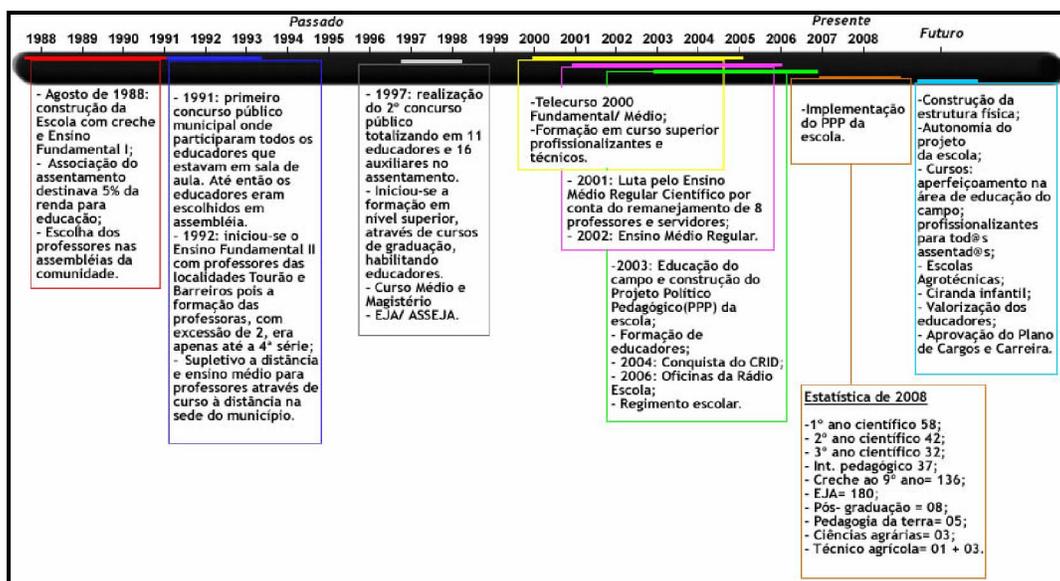
As falas de destaque desse grupo dizem que

N. : Pois é vou apresentar a vocês aqui na minha linha do tempo estamos contemplados em que as colegas já falaram certo? É a respeito do ano em 88 o fundamental I, em 92 através das lutas conseguimos ampliar para o fundamental II, em 2000, conseguimos o Telecurso 2000, em 2002 foi o ensino médio regular como já foi falado, nasceu de uma grande injustiça que aconteceu entre os servidores daqui de Santana, que foram remanejados que foi uma besteira [...] Em 2004, foi contemplado que foi a exemplo do CRID que para gente veio acionar o conhecimento da educação, da organicidade do assentamento de Santana como um todo. Em 98 a 2005 foi o desafio dos educadores na busca de mais conhecimento pra

<sup>12</sup> Esta frase foi criada pel@s educador@s e pode ser escrita também da seguinte forma: “Estamos no mundo não apenas para conhecer o que é, mas, sobretudo fazer o que não é.”

se capacitar e pra desenvolver sua função em sala de aula, foi criada em graduação e habilitação dos professores. [...] precisamos cada vez mais estarmos unidos né, nesse curso de aperfeiçoamento, de conhecimento, de valores [...] a nossa grande perspectiva e desafio é conseguir a estrutura física para atender as necessidades atuais e as futuras e a autonomia de nossa escola Florestan Fernandes estamos aí na luta que vai ser um grande desafio pra gente, uma grande luta e precisamos cada vez mais de estarmos unidos, e buscarmos mais parceiros pra gente fortalecer a nossa luta e também pra gente é um desafio fazer um curso profissionalizante para todos os assentados e assentadas. (N., Linha do Tempo)

Sistematizadas, as idéias apresentadas pelos três grupos se expressam através de um quadro criado posteriormente em um programa de edição gráfica, para que se expressasse todos os dados complementados. Para períodos marcantes nas falas utilizei de cores para delimitar que tempo toma na linha do tempo em forma de anos. Com esta dinâmica contemplou-se o levantamento da história da escola de Santana, de maneira coletiva, complementando as falas umas das outras e refletindo-se coletivamente a produção. Ao término da exposição fiz alguns questionamentos esclarecedores, os quais permitiram a confirmação e a refutação do que tinham apresentado.



QUADRO 6: sistematização da Linha do Tempo da Escola.

Essas reflexões apontam para uma visão geral do que se percebe enquanto história da escola do Assentamento Santana pel@s educador@s da comunidade. Para mim, ficou o exercício de se refletir coletivamente e criticamente as questões pertinentes à escola do assentamento que está em todos os lugares, não apenas no prédio escolar convencional.

### ***Reverendo postura 3: o churrasco***

Que eu me recorde, nunca tinha passado uma noite de sábado no Assentamento Santana. Eu estava planejando ficar no quarto, organizando os materiais coletados, mas não contava com um convite. Algumas pessoas vieram à casa onde eu estava hospedada e me chamaram para um churrasco, que estava acontecendo desde o início da tarde. Pensei que aquela seria uma oportunidade de estar com @s educador@s e informalmente conversar mais sobre a pesquisa. Fui ao churrasco e lá revi muitas pessoas que participaram das formações no CRID. As pessoas me falaram que as formações de gestores acontecem sempre que el@s identificam a necessidade de mais pessoas para atuar na gestão do CRID. Na verdade, eu estava muito dividida naquela festa, pois, as pessoas me viam como “várias Carmen”, a amiga, a do CRID, a da UFC, mas eu estava ali querendo me portar como pesquisadora e isso era novo para todos. Ao voltar para casa fiquei pensando que aquele churrasco tinha sido como um café na casa d@s educador@s, um voto de confiança para entrar em suas vidas. Isso foi uma grande sensação de estar vivendo e refletindo Malinowski (1986) relacionado com Gomes (2008), provocada pelo campo a me rever enquanto pesquisadora.

### ***Reunião na Escola: PPP, eixos e propostas para o futuro***

Me convidaram para uma reunião na escola onde discutiam que se tinham muitas aulas com horários quebrados, aulas soltas, com os educador@s correndo de um espaço para outro, como foi dito ontem nas vivências da pesquisa. Segundo a opinião delas, o tempo que se gasta de um espaço para o outro leva muito tempo e isso interfere no rendimento da aula, já que os alunos ficam esperando de 10 a 15 minutos entre a saída e a chegada de outro educador e os ais ficam comentando. Fiquei curiosa para ver como é esse deslocamento de um espaço para outro na comunidade. Amanhã vou fazer esse trajeto e fotografar os espaços onde tem aula, pois essa é uma questão ligada às discussões nas vivências, de que o espaço físico da escola é pressuposto para colocar em prática a proposta de Educação do Campo que el@s tem. Porque as fotos? Como o CRID está praticamente no centro do assentamento, como demonstra o mapa abaixo feito por G., era interessante saber quanto tempo de aula poderiam perder para ir ao CRID.

Outro assunto foi a respeito dos eixos, que segundo a diretora da escola, não têm porque de não estarem funcionando, já que vêm num processo de construção, que começou

com o Projeto 5S<sup>13</sup>, que abarca cinco sentidos: utilização; ordenação; limpeza; saúde e auto-disciplina. O debate foi reforçado pela fala de M.J. : *“esse ano podemos ter dificuldades de implantar os eixos, mas não teremos mais desculpas de não implementar nosso PPP”*. Continuando essa discussão, a educadora E., disse que a experiência que estão realizando é inicial, os conhecimentos são poucos, mas deveriam colocar em prática a obra “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire, para se fortalecer a questão dos eixos e realizarem um movimento de tensão entre teoria e prática. A propósito disso combinaram um trabalho entre el@s para leitura e discussão do livro, no intuito de se ampararem melhor na prática do PPP.

Viver Paulo Freire é um desafio. Já tenho tantas de suas idéias internalizadas que fica até difícil dizer o quê e em que página expressam seus pensamentos mais relevantes para mim, mas não posso deixar de expressar que em especial, Freire (1983; 1987; 1996) teve e têm grandes influências em minha concepção de educadora, pesquisadora e ser humano.

Nesse sentido o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola do Assentamento Santana está contextualizado com Art. 208 e 210 da Constituição Federal Brasileira (1988), que a partir de sua implementação necessitou ser detalhada. Foi então que a lei nº. 9.394/96, mais conhecida como Lei de Diretrizes e Bases (LDB) para a Educação, faz menção à educação para a realidade rural:

**Art.28.** Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas promoveram as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região.

I – Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II – Organização escolar própria, incluído adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III – Adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Estes artigos são o motivo de tanta luta quem vem acontecendo *no* Campo pela luta por uma educação considerada *do* campo em audiências públicas, seminários e reuniões articulando Poder Público, Movimentos Sociais e Sociedade Civil. Caldart (2002) vem refletindo sobre essas questões, numa perspectiva em que há diferença entre *do* campo e *para* o Campo. O *do* expressa que a educação deve ser realmente contextualizada com as realidades rurais (agricultura familiar, povos da floresta, pesqueiros, ribeirinhos, comunidades tradicionais e extrativistas). A educação *no* campo acontece dentro das comunidades rurais. Já a educação *para* o campo vem com a idéia de retirar o processo de luta encampado. Em sua

---

<sup>13</sup> Nos espaços que possuem salas de aula na comunidade é possível encontrar diversos cartazes com os 5 Sentidos: senso de utilização; senso de organização; senso de limpeza; senso de padronização e senso de auto-disciplina.

abrangência o *para* traz em si a pergunta, quem está dando ou mandando a educação, numa perspectiva clara de poder.

Dando desdobramento à LDB, em 2002 as diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo-resolução CNE/CEB nº01/2002 foram sancionadas. Para compreender mais essa questão da educação rural e do campo, Furtado (2004) traça uma análise aprofundada de suas origens e discussões teóricas.

Refletindo sobre a realidade da Escola do Assentamento Santana, eles construíram o Projeto Político Pedagógico (PPP) com uma base comum (com os conteúdos universais), e diversificada (ligada aos saberes produzidos lá). Organizaram essa base em forma de eixos temáticos e em vários momentos da pesquisa disseram que é um desafio colocar esses eixos em prática.

No fim da reunião me perguntaram como poderiam trabalhar o PPP da escola com o apoio do CRID. Eu falei que poderia trazer alguma contribuição mediante o acesso ao código de ética, o PPP e ao material dos eixos, pois, de fato, é muito difícil chegar e já dar a respostas sem conhecer as ricas produções que elaboraram nos últimos anos, de certa forma, com o apoio do CRID, como um meio e não um fim. Mas não pude conter meus pensamentos, da possibilidade de se elaborar um banco de dados de planejamentos e materiais *media-educativos*, voltados para a educação do campo, numa perspectiva de socialização e construção da historicidade digital das práticas que vêm acontecendo naquela escola.

### ***A escola do Assentamento Santana***

Hoje fui visitar as salas de aula, caminhando de um extremo (garagem de uma educadora) ao outro mais distante (armazém). Para concluir o trajeto foram 15 minutos, no sol a pino, para fotografar as “salas” de aula. Confesso que cheguei muito cansada, sem fôlego, não só pela falta de preparo físico dos últimos tempos, mas porque a caminhada realmente é uma prova de resistência. Imagine se eu fosse dar uma aula depois dessa caminhada no meio do sol. Apesar desse aparente cansaço, mostro os espaços onde tem aula na comunidade. Cada lugar tem sua peculiaridade e mostra a vontade dessa comunidade em superar as dificuldades. Não é a situação ideal, mas me faz compreender que o compromisso com a educação é maior que os problemas que podem surgir. Como eu já ouvi tantas vezes da boca d@s educador@s de Santana, a educação é uma luta que vai continuar pelas gerações que virão.

A sala de aula da direita do prédio escolar. Tem algumas cadeiras de plástico e outras de madeira, com 30 educandos, aproximadamente. É bastante ventilada e iluminada, além de possuir alguns enfeites nas paredes. Como as paredes são cheias de buracos de ventilação e o

portão da escola é aberto, pode-se notar em vários momentos um movimento de pessoas da comunidade que observam as aulas enquanto esperam os colegas nos intervalos.

Logo a seguir observamos a sala de aula da esquerda do prédio escolar. Assim como a primeira está bem zelada, a pintura não é recente, mas o piso está muito encerado, até deu medo de escorregar. A turma com 21 educandos, presentes nesta tarde, optou por ficar toda junta para sair na foto. Essas crianças, a quatro anos atrás, quando o CRID foi instalado, eram tão pequeninas e já ficavam acompanhando os primeiros passos do projeto.

Educandos do ensino médio-pedagógico ficam sorridentes com a minha chegada e têm em suas mãos um gesto que expressa luta. O local onde estes jovens estudam é a capela da comunidade. Os bancos são desconfortáveis, em forma de ripas de madeira, mas é o ambiente “sagrado” do assentamento. Lá também, além das celebrações religiosas, são realizadas reuniões, além das assembléias onde todos os representantes de assentados e assentadas se juntam para tomar decisões. Aquele é um local onde muitas pessoas podem ficar aglomeradas e eu até poderia dizer que os bancos são lá, às suas maneiras, uma espécie de sacrifício coletivo de quem deseja construir algo com lutas. Estes educandos e educandas serão em breve @s educador@s de suas respectivas comunidades. Digo isto por não se tratarem somente de pessoas de Santana, mas toda a região circunvizinha, o que vai permitindo a construção de laços ideológicos e práticas contextualizadas às suas realidades, numa forma de rede, ou teia, de relações educativas para um futuro lecionar.

Em algumas casas, existe um espaço que serve como galpão para insumos, armazenagem de alimentos, quarto e garagem. Aqui, funciona mais um espaço que a comunidade considera como sala de aula. Observei algumas ornamentações e também carteiras velhas, mas em bom estado, um filtro com água para matar a sede daquele calor do meio da tarde, além do sol e poeira que as vezes invadem o espaço. Os educandos convivem com esses elementos todos os dias, e quando cheguei à sala, estavam em meio a uma aula, que procurei não interromper, pois eles deram continuidade ao que estavam fazendo. Numa pausa da aula a educadora perguntou se eu queria alguma coisa e eu respondi que gostaria de fotografar a turma na sala, se fosse possível. Logo se amontoaram no fundo da sala e alguns levaram os cadernos, simbolizando que estavam ali, mas estavam estudando. O caderno eu vi como estratégia para dizer: este é o meu instrumento de trabalho, sou orgulhosa ou orgulhoso de possuí-lo e nele sistematizar minhas idéias.

Outra sala de aula funciona na “garagem” da casa de uma das educadoras. Ela possui poucas cadeiras e um espaço, de fato, ajustado para ser sala de aula. Não podemos dizer que isso pode ser um fator que piore ou melhore a educação do Assentamento Santana, mas fica

uma questão: como seria essa aula em uma sala equipada de instrumentos pedagógicos? Estão sorridentes, e os dizeres num pequeno cartaz afixado na parede declaram: “Sejam bem vindos, vamos pensar juntos, aprendendo a aprender e socializando saberes”. Precisa dizer mais alguma coisa? Se uma imagem tem tantas palavras, esta frase, para mim, inundou a aquela visão de sentido.

Existem ainda mais três salas que funcionam dentro do que era um armazém da comunidade. Um local amplo por fora, mas dentro, três grupos de educandos do ensino médio estavam em aula. Segundo as pessoas que ali estavam o som de uma turma atrapalhava a outra. Eu nunca havia adentrado naquele espaço nesses 4 anos que se passaram. Foi uma surpresa, pois não pensava que ali tinha gente estudando. Porém, entendo que foi uma falha minha de nunca ter sido curiosa em ir ali, afinal, antes era um armazém e na minha concepção o importante era estar ali na escola, no CRID, na antiga lanchonete Pouso da Águia, na bodega, na capela e outros espaços onde as pessoas estivessem, mas ali? Foi um pouco chocante, ver tanta gente, querendo estudar, superando tantas dificuldades num local re-adaptado para uma outra necessidade, a educação.

### ***Revisitando o CRID: a surpresa do curso de Informática***

Fui mais uma vez ao CRID e lá tive uma surpresa, era o primeiro dia do curso de informática ministrado por G. para educand@s das séries finais do Ensino Médio (1 turma) e Pedagógico (2 turmas). Informou-me que estavam dando curso de informática para outras comunidades: Bargado (Monsenhor Tabosa), Orange (Monsenhor Tabosa), Tira Teima (Monsenhor Tabosa), Santa Izabel (Monsenhor Tabosa), Sítio (Tamboril), Riacho Verde (Tamboril), Curatis (Tamboril), Poços(Tamboril), Queimadas (Tamboril), Ipuzinho (Tamboril), Cacimba do Meio. Interessante que nos CRID não foram trabalhados cursos de informática, mas eles estão trabalhando desta forma. Como material pedagógico pegaram uma apostila da Internet e melhoraram, colocando ilustrações, gráficos, informações sobre Linux, além de aplicar uma outra formatação, como nos princípios do Software Livre(livre para copiar, livre para melhorar, livre para socializar). Essa apostila também possui atividades, onde os educand@s participam da aula e exercitam nos outros momentos durante a semana.

Muitas pessoas de Santana não conhecem ou utilizam a Interface Windows. No CRID a máquina que recebia o sinal de Internet era Windows, mas @s gestor@s não gostavam de sentar lá para utilizar. Primeiro tinham muito receio que a máquina pudesse pegar algum tipo de vírus, segundo porque não sabiam resolver os problemas do software proprietário e terceiro, porque consideravam o Linux mais adequado para o que queriam fazer.

Fiquei um pouco observando a aula e lembrei que G., antes da formação de gestores durante a implementação do CRID, já tinha participado de um curso de informática e que, talvez, essa seja a razão dele optar por aulas de informática, onde ele aparentemente tem mais segurança e domínio, e não por uma formação como a do CRID, apesar das temporadas de formação de gestores na comunidade.

### ***Café com tapioca e papoulas: pretexto para falar do Assentamento Santana***

Após essas atividades eu estava muito cansada e ainda haveria o encontro com @s educador@s para a realização, mas fui convidada para tomar café com tapioca na casa de uma senhora da comunidade. Esta mulher é uma das fontes históricas do Assentamento, mas optei por não gravar entrevista com ela. Só em tomar aquele café e registrar sua alegria de viver já valeu a pena. Ela havia me chamado, mas não apenas para o café da tarde, mas para elogiar o trabalho do CRID, sobre como estão sendo felizes ali. Disse que gostava muito do CRID e que uma de suas netas lhe levava lá para acessar o sítio da Basílica de Nossa Senhora de Aparecida em São Paulo e também para encontrar orações, relatando que aquela era uma experiência importante para sua vida religiosa. É mais que isso, representa uma vida de quem havia participado dos movimentos das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e que essa vivência possibilitou a união de famílias agricultoras na luta pela terra e contra os grandes latifúndios. Foram tantas palavras enaltecedoras, que me encheram de esperança para realizar outros trabalhos no Projeto CRID, me levou para passear entre as papoulas cor-de-rosa no seu jardim e ali percebi que as flores estavam pedindo para que eu me lembrasse do título da canção de Geraldo Vandré, “Pra não dizer que não falei de flores”. Sai desse encontro com as expectativas ampliadas para a atividade da pesquisa pensada como “Círculo da vida” com o coletivo de educador@s.

### ***Círculos de Vida***

O Círculo da Vida aconteceu de noite, numa sala de aula da escola. Compareceram 11 pessoas, dentre elas 10 educador@s e 1 secretária da escola. Pude analisar que muitas falas remeteram-se à palavra conhecimento, que queriam mais conhecimento para uma vida melhor, coletividade e solidariedade:

transformação, conhecimento, justiça, reforma agrária, essas palavras aqui elas resumem tudo em uma vida melhor[...] (E. P., Círculo da Vida)

a questão da ciência, que a ciência que a gente queria e não temos não faz parte da vida da gente que a ciência seja efetivamente à serviço da humanidade, à serviço de

resolver as causas, as coisas que acontecem e que esteja a serviço da humanidade e não apenas do capital e do rico. (I. F., Círculo da Vida)

O que tá ainda um pouco fora que eu quero trazer para dentro é mais conhecimento, confiança um no outro, realização de uma escola que seja do campo para o campo, mais companheirismo, mais união, amor e paz, uma vida digna que é o que a gente tendo isso nós temos uma vida digna então é isso. (A., Círculo da Vida)

Em alguns círculos lembraram do CRID:

Bom o círculo eu pautei muito voltado para a minha realidade o círculo está representando aqui a realidade do meu cotidiano, eu coloquei aqui o CRID, que é um instrumento, um meio de comunicação aqui em nossa comunidade, onde o professor tem um contato semanal lá nesse laboratório, pesquisando e se informando, principalmente pesquisando, para que a gente possa, através dessa pesquisa, lecionar uma aula mais melhor né, de qualidade. (J.E, Círculo da Vida)

A educação do campo foi bastante discutida, expressando com detalhes o que já anunciamos ao falar da “*escola do Assentamento Santana*”.

falta-se um novo modelo de educação para o campo, né do campo, próprio do campo, com movimentos sociais, eu acho que jamais a gente tem partir do que já existe para associar o que já existe para poder possuir algo e eu acho que a gente jamais não tem como nessa sociedade nem com a economia a gente jamais pode se afastar do estado eu acho que a gente deve lutar sim por políticas públicas que garantam aos nossos jovens pra estudar, para quando voltar aqui para no campo ter um trabalho né. (I. F., Círculo da Vida)

Quando se referiram à questão da escola em si, houve um diálogo coletivo onde a pergunta de partida tinha como objetivo identificar o tornaria aquela escola tão importante para suas vidas na relação com o CRID, onde referi ao “tempero” que tinha ali na relação CRID e Escola de Santana:

Carmen: que mais que é que vocês acham que é o tempero? Tem algum tempero?

A. M. : é o amor pela profissão

I. F. : é a questão fundamental[...] a gente percebe que a dimensão tanto [...] M. A. : tudo o que vem trazer pra somar com a educação é mais importante, só o fato de pegar no mouse, entendeu

I. F. : mexer com a internet[...]

M. A. : tudo, aqui a gente na hora do intervalo depois da aula eles querem [...] eles vem no outro dia fazer trabalho como aluno entendeu eles vem fazer trabalho sem farda, que ele é aluno da escola[...] então com tudo isso já tem mais outro tempero como você ta perguntando. (Falas coletivas, Círculo da Vida)

Um tema inesperado surgiu na discussão, foi sobre racismo e preconceito. A respeito do racismo considerei que aquela era uma ponte para tratar de como el@s se viam enquanto pessoas do campo e como as pessoas fora desse campo as vêem. R. F. ilustra essa situação de preconceito através de uma história:

Cheguei lá em Monsenhor Tabosa num colégio o professor disse assim pra mim: Mulher que é que tu acha desses Sem Terra aí? eu falei assim: Desses Sem Terra, como assim em que sentido? Ué por que esses Sem Terra eles também aprontam demais. Apronta o quê? Aí elas disseram: não assim por que tu entende mais um pouco sobre esse pessoal dos Sem Terra, tu não acha errado não? Por que eu sei que tu não é, eu pelo menos eu sou Sem Terra. Eu me identifico e nem tenho e tenho até orgulho de dizer que sou Sem Serra, não que tu não pode mentir que tu já tem terra, todo mundo aqui já tem terra, aí eu disse: mulher Sem Terra não é quem não tem terra, não é o nome da organização, o que eu faço parte e me identifico dessa organização então eu vou aqui te dizer que Sem Terra não é só quem não tem terra não, mas você tem que entender que existe os sem terra com letra maiúscula que é a organização né e existe os Sem Terra com letra minúscula. Ah! Então é por isso que eu perguntando e não entendi nada. Como é que tu é uma professora e como é que tu tá participando de movimentos sociais?(R. F., Círculo da Vida)

Motivad@ pelas falas de R. F., D. também relata uma experiência em que sofreu preconceito em sua vida escolar quando ia para a cidade:

D. : o que eu ia falando assim é que a gente pra estudar a gente encontra é[...]preconceito enorme contra as pessoas que moram na zona rural aqui do campo né que quando a gente vai pra escola a gente é discriminado demais, demais juntamente com os outros companheiros da cidade eles acham que a gente não sabe nada, que a gente é uma pessoa que é inferior a eles né, e eu comecei estudando desde a quinta série caminhando daqui pra Monsenhor Tabosa eu e essa R. F. mesmo enfrentando toda dificuldade caminhando feliz de todo jeito né então eu chegava e encontrava muita, muita, muita dificuldade as pessoas dizendo que não queriam nem a gente no grupo. Às vezes quando era um trabalho não queriam a gente no grupo, ficava aquela coisa quando a gente ia dividir os grupos era aquela coisa achava que e a gente não sabia nada que não era capaz. (D., Círculo da Vida )

Esse tema, preconceito também foi refletido através das mídias, num desabafo de indignação com o que é divulgado e publicado a respeito das pessoas do campo:

eu acredito que a própria mídia insiste que é uma das mais preconceituosas, você vê que no jornal nacional o próprio jornalista da rede globo diz que sem terra invadiram uma área de terra lá em Pernambuco, sem terra invadiram uma área de terra, lá em São Paulo, eles [...]o verbo invadir já discrimina, é um verbo preconceituoso de alguém que não é educado, de alguém que não respeita, de alguém que não vai à escola de alguém que chamou de baderneiro então o próprio verbo em si já diretamente, já classifica aquele grupo aquela classe de trabalhadores. Então a gente sabe que não tá ali e sabe que o verbo não é invadir, mas seria ocupar e aquelas pessoas estão ali por que de fato se você for ver historicamente reforma agrária é um direito dos trabalhadores, hoje, existe territórios que tem são ilegais e a própria mídia como o poder de cooptação das mentes das pessoas muito grande elas acabam tendo outra versão, que muitas pessoas não tem aquela conscientização, não tem muito aquela visão, de diferenciar invadir para ocupar, acabe justamente concordando com a idéia de invadir por que é passado pela mídia, é passado pela rede globo que é um dos canais que tem um maior poder de comunicabilidade mundial né. (J. E., Círculo da Vida)

Junto à próxima fala, temos os indicativo de que est@s educador@s estão desenvolvendo habilidades de análise sobre mídia e educação, como são pensadas por

Rivoltella (2002), Aparici (2007) propõe a Educomunicação junto à Matilla (2004) e Orofino (2005) sobre a mediação pedagógica para as mídias:

e eles fazem isso na perspectiva de mostrar pra sociedade que nós temos que fazer de tudo isso como uma opção e não como uma condição não que a mídia tenha nos condicionado a isso a essas questões todos esses direitos que nos é negado que a gente tem que ir em busca o ambiente da gente em campo é negado a gente tem que ainda é um direito da gente a constituição garante isso mas muita vezes a gente tem que ir buscar, a gente tem que ir lutar por isso, muita gente deu a sua vida na busca da concessão desse direito. (I. F, Círculo da Vida)

Com esse encontros e debates fiquei com uma sensação maravilhosa de que tinha encontrado o rumo da pesquisa, de que o objeto estava se revelando no contato com @s sujeit@s no campo. A fala de I. F ilustra muito bem isso:

né, Carmem por que é muito interessante quando Paulo Freire diz assim ninguém se educa sozinho, a gente se educa em comunhão então você poderia muito bem fazer essa pesquisa não só vir, já conhecendo um pouco, pegar o material e fazer, mas não, você veio participar junto conosco a gente aprende muito também, foi assim com muita emoção, foi muito bom, to muito grata.(I. F. )

No outro dia de madrugada voltei para casa de transporte chamado horário, porque têm os tempos certos de passar em cada comunidade. No caso, fui para Boa Viagem e cheguei em casa muito curiosa com o que ainda iria acontecer, principalmente nas atividades do Campo Virtual.

### ***Ingressando num Campo Virtual***

Um programa onde se pudesse conversar com as pessoas gravando e exibindo imagens e som em tempo real seria um importante passo para o mundo científico, principalmente para pesquisas que envolvem pessoas em contexto de cultura digital, como no meu caso, mas isso fica para outras pesquisas futuras. Para a pesquisa optou-se pelo Messenger acatando a estratégia antes mapeada com @s educador@s. Isso aconteceu em alguns momentos do campo presencial, como na Apresentação da Pesquisa, onde surgiu essa possibilidade e também a utilização de fóruns de discussão

R.F. : e aqui a questão das conversas virtuais né?Ali foi muito feliz, com as conversas via MSN.

Carmen: As conversas via msn. . .

M.A. : Aqueles papos que nós já tivemos Carmen, risos.[...]

Z. : Os fóruns eu coloquei, assim na intenção de a gente mesmo fazer um fórum de discussão, por exemplo, você poderia estar lá em Fortaleza e nós aqui, sobre esse mesmo a Internet, o CRID, a cultura digital.

Carmen: Mas isso via internet?

Z.: Sim.

Carmen: Então os fóruns de discussão na internet.  
M. A.: É, como a gente também colocou pelo Messenger.  
Carmen: Pois é e isso aqui eu também estava contando mas a proposta aí dos fóruns é bastante interessante. Já as outras propostas eu acho que também já vinha pensando então sinal que a gente está então mantendo uma sintonia.  
R. F.: Estamos numa interação. Carmen: estamos interagindo de verdade. (Debate entre carmen, M.A., Z. e R.F, Apresentação da pesquisa,)

Por meio desse programa de conversa síncrona via Internet foi que aconteceram os três Encontros Virtuais Preparatórios com diferentes pessoas do corpo escolar. O 1º Encontro Virtual Preparatório teve como pauta a organização do 1º encontro virtual coletivo, que precisava de mobilização d@s educador@s para escolhermos data e horário.

Ana Carmen diz: mulher,  
I. F. diz: ok  
I. F. diz: fala,  
Ana Carmen diz: ainda não consegui conversar com nenhum d@s educador@s daí  
Ana Carmen diz: ...  
Ana Carmen diz: a não ser vc e E. P.  
Ana Carmen diz: rrsrs  
Ana Carmen diz: para entrevistá-los  
Ana Carmen diz: só vou voltar aí depois de entrevistar  
Ana Carmen diz: vc poderia dar essa força?  
I. F. diz: claro  
I. F. diz: Opa pode contar comigo  
Ana Carmen diz: de manhã essa semana  
I. F. diz: pode ser  
I. F. diz: se se quiser q eu marque um encontro com os Educadore  
I. F. diz: virtual  
Ana Carmen diz: sim,  
I. F. diz: é vc diz q eu articulo  
Ana Carmen diz: um encontro virtual  
Ana Carmen diz: que tal na quarta agora?  
Ana Carmen diz: de tarde  
Ana Carmen diz: ou melhor,  
Ana Carmen diz:  
de noite?  
Ana Carmen diz: sete da noite  
I. F. diz: q horas  
I. F. diz: ok. (1º encontro virtual coletivo)

Havia muita expectativa de minha parte para a realização dos Encontros Virtuais Coletivos e para isso também solicitei os pontos que ficaram de discutir sobre a utilização pedagógica do CRID, que havia sido combinado antes de minha partida da comunidade com o passar de um mês.

Ana Carmen diz: e os pontos sobre a utilização do CRID, vcs conseguiram sistematizar?  
I. F. diz: o encontro de quarta  
I. F. diz: só foi feito uma parte er ficou uma equipe responsavel para terminar  
I. F. diz: vou vê em q pé está

I. F. diz: e peço para o pessoal te enviar  
I. F. diz: ok  
I. F. diz: vc quer um texto  
I. F. diz: ou só pontuado  
Ana Carmen diz: pode ser um texto  
Ana Carmen diz: e contando como foi o processo de escolha dos pontos  
I. F. diz: ok (1º encontro virtual coletivo)

Dois dias depois, aconteceu o 2º Encontro Virtual Preparatório, com E. P.. Um fato interessante ocorreu, foi sobre a questão do diálogo no ciberespaço pelo bate-papo, pois, enquanto se tratava da solicitação dos pontos da reunião sobre a utilização pedagógica do CRID outros assuntos entraram em jogo.

Ana Carmen diz: conseguiram se encontrar ontem? [...]  
E. P. ... diz: sim  
Ana Carmen diz: e aí? [...]  
E. P. ... diz: Convesamos sobre o crid [...]  
E. P. ... diz: uma notícia boa  
E. P. ... diz: ja sabe que a construção do colegio  
Ana Carmen diz: sim...  
E. P. ... diz: foi aprovado?  
Ana Carmen diz: a M. A. me falou ontem,  
Ana Carmen diz: já passei a noticia para o multimeios  
Ana Carmen diz: se puderem mandar para a lista é uma boa  
E. P. ... diz: pois é graças a deus conseguimos  
E. P. ... diz: vamos mandar  
Ana Carmen diz: assim outr@s parceir@s ficam sabendo tb dessa boa  
E. P. ... diz: por que tb vc nos ajudaram nesta luta e nesta discussão  
E. P. ... diz: através do circulo de cultura  
E. P. ... diz: lembra?  
Ana Carmen diz: sim...  
Ana Carmen diz: foi a pesquisa do lincoln  
E. P. ... diz: carmen então tá certo agente vai enviar ainda hoje  
E. P. ... diz: o relatório da reunião  
Ana Carmen diz: obrigada E. P. ...  
E. P. ... diz: e vou combinar com os educadores  
E. P. ... diz: a reunião virtual  
Ana Carmen diz: pq assim a gente tem um encontro virtual mais consistente  
E. P. ... diz: e depois te enviamos por e-mail  
E. P. ... diz: as combinações  
E. P. ... diz: isso mesmo, podendo fazer até alguns encaminhamentos né?  
Ana Carmen diz: claro  
E. P. ... diz: Então tá. (2º encontro virtual coletivo)

### ***Resgatando os Círculos de Cultura Virtual***

Como é possível observar num tema transversal das falas acima, a construção do colégio e a lembrança das discussões nos Círculos de Cultura Virtual sobre a ampliação da escola, fruto da pesquisa desenvolvida por Mattos (2005), se entrelaçaram na escrita. Essa possibilidade de falar numa não-linearidade escrita não implica que o sentido da conversa se perca, pelo contrário, não precisa que se encerre um tema para começar outro, o que

caracteriza este acontecimento como indicativo de cultura digital. Com este diálogo me senti contemplada, quando el@ compreendeu a importância dos pontos da reunião, onde eles seriam o mote para os encaminhamentos da pesquisa.

### ***Mensagem eletrônica e uma nova fase na pesquisa***

Eu estava muito preocupada com o recebimento desta mensagem, pois dela eu esperava analisar os pontos discutidos na reunião entre el@s. A discussão sobre a utilização pedagógica do CRID, que chamaram de “avaliação sobre a utilização do Centro Rural de Inclusão Digital-CRID”, assim como a explicação de como foi a dinâmica do trabalho muito me interessavam.

Com esses pontos, realizei uma análise detalhada, buscando selecionar as questões-chave que seriam esclarecidas e aprofundadas nos encontros coletivos, construindo também as categorias de análise da pesquisa. Esse foi outro momento onde senti que o objeto desta pesquisa (as vivências, percepções e reflexões de cultura digital relacionada com a educação d@s educador@s do campo no CRID do Assentamento Santana), já estava se revelando.

Em outro momento aconteceu o 3º Encontro Virtual preparatório onde, mais uma vez, articulou-se o 1º Encontro Virtual Coletivo.

M. A. diz: estamos certo mesmo pra manhã ?  
Ana Carmen diz: sim...  
Ana Carmen diz: e de vocês? quem vem?  
M. A. diz: sim  
M. A. diz: G. S., N., G. e eu  
M. A. diz: E. P.  
Ana Carmen diz: mais alguém?  
M. A. diz: ok  
Ana Carmen diz: Se mais pessoas pudessem seria ótimo,  
M. A. diz: M.  
M. A. diz: Z. F.  
M. A. diz: Z.  
M. A. diz: R. F.  
[...]  
M. A. diz: ok  
M. A. diz: amanhã as 19; horas?  
Ana Carmen diz: sim  
M. A. diz: ok(3º encontro virtual coletivo)

Eu estava começando a ficar preocupada e frustrada por não ter acontecido o tão esperado encontro com @s educador@s, mas não desanimei e contei com o apoio de M. A., além de E. P e I. F., PA que se ingressasse em outro momento da Pesquisa.

### ***Coletividade virtual em ação***

Após um período de grandes expectativas aconteceu o 1º Encontro Virtual Coletivo. Eu estava cheia de perguntas, muito curiosa e atenta para salvar o encontro e não perder o que estava sendo conversado. Para tanto, ativei a função no *Messenger* de salvar o histórico de todas as conversas numa pasta, automaticamente.

Os pontos discutidos no 1º Encontro Virtual Coletivo versaram sobre o que el@s haviam discutido a partir pontos positivos e negativos na utilização do CRID:

Carmen ... : como foi a reunião sobre a utilização do CRID?  
E. P. ... : vamos começando entaos  
E. P. ... : foi boa  
E. P. ... : so foi pouco tempo  
E. P. ... : mas tudo bem  
E. P. ... : agente conseguiu elencar algumas questoes  
Carmen ... : o tempo foi pouco? mas foi suficiente?  
M. A. : foi convidados todos os educadores e vizemos alguns questionarios a respeito crid  
M. A. : os pontos positivos os negativos  
E. P. ... : nao foi suficiente para fazer uma avaliacao aprofundada  
Carmen ... : que questões elencaram?  
M. A. : O que foi discutido foi a pauta que enviamos para vc  
Carmen ... : mas o que vocês podem destacar do que foi discutido?  
E. P. ... : o crid como instrumento pedagogico  
E. P. ... : fonte de pesquisa  
M. A. : uusar mais o crid como instrumento pedagogico  
[E. P. silva@hotmail.com abandonou a conferência]  
M. A. : mais curso de aperfeiçoamento como utilizar as novas técnicas (Falas Coletivas, 1º Encontro Virtual Coletivo)

Gostei muito quando começaram a discutir sobre a utilização pedagógica do CRID e fizeram objeção se eu estava gostando ou não do que el@s estavam falando, porque el@s pensavam que eu só queria ouvir coisas positivas sobre a utilização do CRID, mas não era essa minha intenção e revelei que não estava no meu mérito dizer se é para gostar ou não, mas estava querendo muito ouvir o que estavam falando e eu buscava provocá- l@s para o debate:

Carmen ... : como seria isso de maneira pedagógica, concretamente?  
T. : dificuldade de planejar as aulas de acordo c/ a disciplina que agente leciona  
E. : como por exemplo matematica  
Carmen ... : dificuldade de planejar as aulas de acordo c/ a disciplina que agente leciona(como é isso?)  
M. A. : planejamento em primeiro lugar em segundo, orientação em segundo controle  
Carmen ... : como por exemplo matematica(como vem sendo feito?)  
T. : por que agente n  
I. F. : Falo como gestora o q percebo é...  
Carmen ... : planejamento(de quê?) em primeiro lugar em segundo, orientação(para quê?) em segundo controle(que tipo de controle?)  
E. : da aula,para que trabalhamos todas as disciplinas sem perda de tempo  
[...]  
I. F. : os professores só utilizam mas na disciplina de matemática ... jogos educativos e pesquisas ...poderim utilizar gráficos tabela para  
***T. : Carmem eu acho que nao estamos sabendo como utilizar adequadamente.***

Carmen ... : Carmem eu acho que nao estamos sabendo como utilizar adequadamente.(o que te leva a pensar assim?)  
I. F. : sistematizar dados de taza de analfabetismo... população jovens do assentamento.... idosos  
I. F. : dentre outros  
*M. A. : ainda ñ deu pra vc entender de fato o q e mesmo utilizar como instrumento pedagogico*  
Carmen ... : gente, fechem essa janela, vão para a outra  
*M. A. : o vc ñ queria escutar de fato esta respostas*  
*M. A. : ñ estamos respondendo o q vc gostaria de saber?*  
*Carmen ... : estou querendo apenas compreender mais o que vocês chamam de instrumento pedagógico,*  
*M. A. diz: o vc ñ queria escutar de fato esta respostas*  
*M. A. diz: ñ estamos respondendo o q vc gostaria de saber?*  
*Carmen ... : não estou julgando o que vocês estão dizendo,*  
*Carmen ... : mas só querendo saber mais*  
Carmen ... : para ouvir de vocês tb propostas de como fazermos isso  
T. : eu falo isso por que poderíamos utilizar de forma bem mais criativas  
Carmen ... : é uma construção...  
I. F. : claro. (Falas Coletivas, 1º Encontro Virtual Coletivo)

Uma pequena fala sobre a utilização do CRID que deveria ser para além da “boa vontade” foi a sistematização necessária para o que foi discutido no encontro de hoje. Nessa fala estão expressas a necessidade de planejar as aulas para a ida ao CRID de acordo com os eixos do PPP baseado na Educação do Campo. Esses são elementos fundamentais para a construção da cultura digital dess@s educador@s. Nos próximos encontros essas categorias serão aprofundadas, para que em breve tenhamos contemplado os objetivos de estudo a contento.

E. P. ... : concordo com a T., as vezes temos boa vontade e os educandos cobram mas temos dificuldades de planejar uma aula utilizando o CRID  
E. P. silva@hotmail.com: Uma aula de acordo com sua disciplina e conteudo  
E. P. silva@hotmail.com: para que não seja uma aula solta desconectada  
E. P. silva@hotmail.com: só vir por vir  
E. P. silva@hotmail.com: esse motivo faze com que os educadores não utilize o CRID com frequência (E. P., 1º Encontro Virtual Coletivo)

### ***Estresse tecnológico***

A função de salvar o encontro funcionou muito bem. Como eu não estava muito segura, com medo que acontecesse alguma pane, tomei a medida de que, em cada cinco minutos, deveria copiar todo o arquivo do diálogo escrito em um editor de texto, o que tornou o encontro muito cansativo para mim. Mediar o encontro, participar da conversa e salvar no editor de texto me deu uma sensação de esgotamento, mas de muita felicidade por, coletivamente, se ter refletido como eles se percebem em suas vivências de cultura digital a partir de suas práticas voltadas para a educação do campo. Outros encontros virtuais virão e espero poder refletir mais sobre o que está começando a fazer sentido.

Após uns 15 dias do ultimo encontro virtual houve o 2º Encontro Virtual Coletivo. Houve, mas não houve. Por conta de problemas com o Messenger não se conseguia entrar numa mesma sala para que pudéssemos interagir. Que o programa poderia dar algum tipo de problema eu havia imaginado, mas justamente durante a atividade coletiva veio a apresentar problemas e isso fez com que o encontro ficou prejudicado e me questionei se havia escolhido a pior ferramenta e onde tinha errado.

I. P. @hotmail.com nos estamos mais perdidas do cego em tiroteio  
M. A. eu dei fe  
M. A. q ã estamos hoje acertando  
M. A. saiu da conversa. (I. P. e M. A., 2º Encontro Virtual Coletivo )

Não foi uma experiência 100% frustrada, pois serviu para se refletir sobre as interfaces síncronas de comunicação. Ademais o problema do Messenger, foi nesta ocasião, que o “plano B” veio a tona, que era migrarmos para o MOODLE, um Ambiente Virtual de Educação (AVE), hospedado no sítio do Laboratório Multimeios (<http://hbn.multimeios.ufc.br/moodle/>), mas não era essa a intenção.

Poderia levar muito tempo para @s educador@s conhecerem esta outra interface e esse não era meu objetivo. Era um risco, pois a eu tinha optado por acolher as propostas del@s e isso deveria ser respeitado, e seria muito prejudicial à pesquisa assumir conta e risco se não desse certo outra vez. Algumas vezes induzi para que fossemos para o MOODLE, mas não surtiu efeito, como mostra a figura abaixo.



FIGURA 11: Utilização do MOODLE para a pesquisa

Foi criado um ambiente todo arrumadinho para os encontros virtuais, mas foi um trabalho solitário, infelizmente solitário. A individualização em vez do coletivo foi a relação direta que ficou expressa nessa experiência por conta do capitalismo estar impregnado em nossas vidas e quando é necessário pensar e fazer de outra forma as “ferramentas” não nos possibilita.

#### ***Revendo postura 4: trabalho individual, não, coletivo!***

Pode-se observar na imagem que o “espaço” havia sido criado, mas fui eu quem criou, sem a participação del@s, num esforço individual de que, se outro problema com a interface de comunicação instantânea acontecesse haveria uma alternativa. Mesmo assim, seis pessoas ainda se inscreveram, porém, o coletivo falou mais alto e continuamos no Messenger. A dimensão da coletividade e individualidade não deve ser revista só para a pesquisa, mas para meu posicionamento diante das dinâmicas ciberespaciais e sociais, viver coletivamente é um desafio para tod@s.

#### ***Discussão aprofundada***

O 3º Encontro Virtual Coletivo não teve nenhum problema de ordem técnica. Discutiu-se sobre a utilização pedagógica do CRID e principalmente o CRID como fonte de

pesquisa escolar, onde consegui mapear algumas formas de como el@s vêm vivendo isso, além de instigar o grupo para que refletissem sobre como teciam seus significados. Com esse encontro, duas categorias de análise foram mais aprofundadas, mas precisam ser esclarecidas com relatos de experiências. No próximo encontro espero concluir a coleta de dados, pois, tenho a impressão de que quando for juntar todos os dados coletados outras categorias possam aparecer.

A respeito da utilização pedagógica do CRID o grupo construiu argumentos a partir das questões que eu ia realizando:

Carmen: A utilização do CRID como instrumento pedagógico  
Carmen: o que vocês podem dizer a respeito? [...]  
G. S. diz: Acreditamos q utilizar o CRID como instrumento pedagógico ..... é muito mais do q ter acesso ao computador e a internet [...]  
L. diz: E um pouco difícil levar as turmas devido o numero de aluno para ser levado para sete computador uma turma as vezes de 42  
L. diz: alunos[...]  
G. diz: isso torna mais difícil essa interação[...]  
G. S. diz: è utilizar as maquinas como um recurso... a partir de uma temática, problematica..... ampliando as possibilidades dos educando ... buscar novos conhecimento, descobertas que os ajudem a resolver seus problemas q surgem no dia-dia . [...]  
G. S. diz: Além de facilitar a troca de experiencia com outrs realidades  
G. S. diz: por meio de recursos da internet  
G. S. diz: q te "n" possibilidades  
I. F. : diz: mas não é fácil o quanto parece... é desafio... q precisa ser encarado coletivamen (Falas coletivas, 3º Encontro Virtual Coletivo)

A partir dessa fala inicia-se a argumentar sobre a utilização do CRID como instrumento de pesquisa em função da utilização pedagógica desse espaço. Acabam revelando como são as metodologias que utilizam durante as pesquisas:

L. diz: existe algumas pesquisas que são passadas para os alunos que eles não tem livros e a unica fonte de pesquisa é a internet  
I. F. : diz: q bom q mos a inrnet....além de rmo acesso as livro ainda mos acesso aos artigos...  
Carmen: e como é pensada essa pesquisa?  
I. P. ! diz: sim sabemos da importancia que o CRID tem para o apredizado tanto do educador quanto do educando que vem facilitando em suas atividades em sala de aulas e ao mesmo tempo adquerindo mais conhecimentos.  
L. diz: a partir de temas que estão sendo trabalhado em sala de aula e passado trabalhos de pesquisas ex em fisica sobre velocidade no transito ciencia e tecnologia ...[...]  
G. S. diz: a prtir do q agente da ensinando....sempre quando surgir necessidades de aprofundamento no plano de aula.. agente se organizar e passa a pesquisa para os meninos[...](Falas coletivas, 3º Encontro Virtual Coletivo)

A preocupação ciberética da educador@ fica patente, diante das pesquisas que devem ultrapassar o copiar e colar sem se referir ao que foi encontrado. Refletindo sobre isso, digo que esse fato também acontecia nos tempos de enciclopédia, pois encontrava-se um livro com

o tema interessado e depois transcrevia tudo para uma folha de papel almaço. Qual a diferença então? O manipular o lápis para escrever que é substituído pela impressora? Não, devemos construir uma consciência, que se não aconteceu com pelas enciclopédias que venha pela Internet. A respeito disso el@s dizem:

L. diz: Sempre explico para eles.... para fazerem as devidas referencias  
G. S. diz: sim  
Carmen: outra vez uma outra pessoa comentou que é muito difícil dar continuidade a esse trabalho de pesquisa na sala de aula... será?  
Carmen: oficinas de quê?  
L. diz: e terem cuidado com o ctrl C e o ctrl v.  
Carmen: pq fazer as referências?  
G. S. diz: teatro ,dança  
G. S. diz: dobradura  
L. diz: depende da pesquisa  
[...]  
L. diz: por que é importante eles destacarem que é o autor, ano pg  
L. diz: pq precisamos construir nossa própria autonomia intelectual... sair da visão de consumo de conteúdo foi isso q aconteceu historicamente... é fundamental romper essa logica. (Falas coletivas, 3º Encontro Virtual Coletivo)

Concluindo o encontro eu ainda abordo mais uma questão:

Carmen: para encerrar, gostaria de saber se vcs pensam em construir um planejamento coletivo para a utilização do CRID pedagogicamente?  
G. S. diz: sim  
I. P. ! diz: o objetivo e despertar nos educandos suas criatividades seus talentos que esta dentro dos mesmos. As vezes precisamos uzar metodogias para que os educandos mostre seus conhecimentos.  
[...]  
I. F. : diz: Nos mos eixos mátricos por cada séries ano)... e dentro desse eixos m o desdramento..... isso ocorre por periodo. Como o CRID está dentro de um mpo educativo.... vejo q coletivamen com sua ajuda poderíamos fazer um planejamento para utilizarmos o CRID por periodo. (Falas coletivas, 3º Encontro Virtual Coletivo)

Com essa pergunta tentei anunciar uma perspectiva de futuro, em articular a construção coletiva de planejamentos para a educação do campo, mas por enquanto essas são apenas intenções.

### ***Final do campo virtual, mas o trabalho não terminou***

No 4º Encontro Virtual Coletivo, onde se discutiu a utilização pedagógica do CRID, o que trouxe para o diálogo algumas reflexões sobre como enfrentam a questão do planejamento das aulas utilizando, expondo suas dificuldades em planejar e em algumas ocasiões como acontece. Pelo que vai se perceber, as falas estão cruzadas. O texto pode ser lido considerando as iniciais dos nomes d@s participantes, na íntegra ou cruzando as falas através de minhas perguntas. Em meio à discussão fazem reflexões de como seria um planejamento utilizando o

CRID e o relato da experiência de uma atividade de Meio Ambiente com a utilização de videoconferência para se discutir temas com especialistas.

Carmen: pois bem, como vcs acham que deveria ser uma aula utilizando o CRID?  
Z. F. : Acho q o CRID como um espaço educativo, seria otimo em uma aula, pois além de ser uma aula riquissima, é uma aula super dinâmica  
Z. F. : por ele oferecer vários recursos  
I. F. e N. :dentro da temática  
Z. F. : q vem ajudar o educador a desenvolver sua metodologia de forma dinâmica e aprimorar mais o conteúdo de seu educando  
Z. F. : ou seja seu aprendizado  
Z. :Em primeira mão fazer a pesquisa, quais são os sites que poderão ajudar, após acontecerá o planejamento, ou seja como vai se dar o conteúdo aos educandos no laboratório  
Z. :Se é através de pesquisa, bate-papo, produção textual, entrevistas etc  
I. F. e N. :ou video-conferencia  
Z. F. : Penso eu como educando, q o laboratório em uma aula vem só ajuda e desenvolver a aula do educador  
[...]  
M. J. :preservação do meio ambiente  
E. P. : de acordo com a necessidade  
M. J. :sim  
Carmen: E. P. : tem algum eixo que vocês já estão utilizando o CRID?  
Carmen: M.J. : pq esse tema?  
E. P. : sim, ja trabalhamos algumas tematicas utilizando o crid  
E. P. : por exemplo reciclagem  
E. P. : dentre outros  
Carmen: a M.J. está pensando no tema meio ambiente, mas uma coisa que vcs v~em comentando muito é a questão da pesquisa...  
E. P. : acho que as aulas no crid nao devem ser desvinculadas dos da tematica e do conteúdo. e depois o educador tem que ajudar sistematizar.  
M. J. :porque estou trabalhando com geografia e ja estou fazendo pesquisa com a turma do nono ano aqui no crid sobre a poluição  
I. F. e N. :Numa aula de geográfia ..... um aluno perguntou o q era agronegócio ... então discutimos sobre o assunto os alunos fizeram uma pesquisas.. e na proxima semana se tudo der certo vamos realizar uma video-conferencia..  
I. F. e N. :utilizando só audio já q não temos web cam  
E. P. : por exemplo: se agente esta trabalhando uma tematica na escola ai vem para o crid pesquisar depois e necessario socializar e sistematizar(Falas coletivas, 4º Encontro Virtual Coletivo)

De repente atribui-se à pesquisa realizada no CRID uma conotação social, para seu desenvolvimento e publicação para a comunidade.

E. P. : derepente, pode-se ate dar uma funcao social para essa pesquisa, esse conhecimento, divulgando para a comunidade  
[...]  
Z. :Além de trabalharmos em sala pedimos para que o educando aprofunde seu conhecimento, através de pesquisas e socialização na sala de aula  
Carmen: em outros encontros foi identificada a dificuldade em se trabalhar com a pesquisa no CRID. Tem dificuldades realmente?  
E. P. : chegando ate realizar algo de concreto, colocar em pratica a partir da pesquisa...  
E. P. : sim  
Carmen: E. P. e demais; como poderia ser essa divulgação?  
E. P. : atraves de panfletos

Z. :Colocar em rede para opiniões de outras pessoas  
E. P. : seminarios para a comunidade realizada pelos educandos  
I. F. e N. :a video-conferencia é para com uma pessoa do setor de produção da direção estadual do MST. escolhemos esse recusus por que os meninos vão podem conversar em tempo real, ouvindo a voz..  
M. J. :Carmem gostei dessa ideia de agro negocio porque nós ainda não trabalhamos esse tema seria uma ótima idéia  
[...] (Falas coletivas, 4º Encontro Virtual Coletivo)

Por fim, relatam outra experiência de planejamento e utilização pedagógica do CRID, tendo como tema a Dengue.

E. P. : ai em vez de ficar o conhecimento ou a descoberta so entre eles  
E. P. : eles divulgam, socializam, conscientizam chegando as vezes ate resolver o problema  
Carmen: isso já foi experimentado alguma vez?  
E. P. : entendo que assim a pesquisa esta cumprindo uma funcao social  
E. P. : sim  
E. P. : por exemplo  
Carmen: como foi?  
E. P. : sobre a dengue  
E. P. : lixo  
E. P. : meio ambiente  
Carmen: daria para fazer isso com o agronegócio?  
Carmen: como foi no caso da dengue?  
E. P. : sim  
E. P. : com certeza  
Z. F. : estudamos sobre o mosquito pernillongo  
Z. F. : é como combate-lo  
Z. F. : nós preservando  
Carmen: e o que tem a ver dengue com pernillongo?  
Z. F. : e tb nós conscientizando, ã só eu mais toda a comunidade  
Z. F. : por causa do mosquito trasmissor  
Z. F. : e por sua familiariedade  
E. P. : sim e isso ha uma discussao em sala de aula  
E. P. : debates  
Carmen: já teve algum caso de dengue na comunidade?  
I. P. :! eu não estou contribuindo porque não estou atuando em sala de aula, mas já vivênciei os educandos fazendo algumas na minha observações  
E. P. : pesquisas de casos na internete  
Carmen: e como foi I. F.?  
E. P. : sistematizam  
I. P. :! interessante  
E. P. : e depois divulgam a sintese  
I. P. :! os educandos passam em casa fazendo a pesquisa com as familias  
Carmen: foi assim que fizeram?  
I. P. :! e conscientizando e dizendo os cuidados que devemos ter  
I. P. :! sim foi  
Carmen: como a comunidade reagiu?  
I. P. :! as famílias gostaram e passaram a ter mais cuidado e os pais elogiaram o trabalho de seus filhos  
Z. F. : reagiram de forma consciente por ser uma coisa vivênciada pela a sociedade atual e por ser uma fato da realidade de hoje.  
Carmen: tiveram notícia de algum caso de dengue na comunidade?  
I. P. :! não  
Carmen: este trabalho foi explorado em que aulas?  
Carmen: ou em que aula?

E. P. : de ciências  
I. P. :! as famílias tiveram o cuidado em cobrir suas caixas d'água com telas  
E. P. : biologia  
Z. F. : Ciência, Biologia, Geografia  
Z. F. : alias em todas  
Z. F. : pq essa tematica tem haver com tds  
Z. F. : e essa discursão levar a tds as disciplinas  
Carmen: e como foram esses trabalhos no CRID?  
Z. F. : Pesquisas  
Z. F. : para conhecer melhor  
E. P. : mas foi trabalhado de forma mais aprofundade nas aulas de ciencias e biologia  
E. P. : os sintomas  
E. P. : e os cuidados que devenmos ter  
Carmen: lembram de algum site,  
Carmen: que palavras pesquisaram...  
E. P. : e como evitar  
Z. F. : [www.CombataDengue.com.br](http://www.CombataDengue.com.br)  
Z. F. : Saiba tudo sobre a DENGUE [www.dengue.org.br](http://www.dengue.org.br) Mosquitos, sintomas, prevenção, mapas da dengue, videos e noticias  
E. P. : as palavras foram dengue  
E. P. : sintomas da dengue  
E. P. : cuidados com a dengue  
E. P. : leituras em jornais  
E. P. : estudamos o conceito de epidemia  
Carmen: muito interessante gente!!! (Falas coletivas, 4º Encontro Virtual Coletivo)

Com esse encontro de hoje pude coletar os dados finais a respeito que contemplassem as categorias utilização pedagógica do CRID, planejamento para a utilização do CRID e CRID como fonte de pesquisa. Dos encontros virtuais em geral, ficou a satisfação em ter conseguido realizar os encontros coletivos com @s educador@s de Santana onde el@s estavam no CRID Santana, no mesmo espaço, só eu que estava distante, mas ao mesmo tempo, sincronamente.

As falas, por só poderem ser expressas somente pela escrita com a interface que utilizamos, são curtas, objetivas, mas aprofundadas, características típicas a serem consideradas na etnografia que se desenvolveu considerando peculiaridades do virtual.

### ***Como entrelaçar teorias, falas e reflexões?***

Com a conclusão dos encontros virtuais eu pensei que o trabalho já estava quase terminado, mas aí foi veio um desafio para mim. Tinha de juntar tudo e dar sentido ao processo que se desenvolveu. Foi então que surgiu a idéia de colocar os teóricos para dialogarem comigo e com @s sujeit@s.

Esse diário foi construído cheio de detalhes e pormenores que depois de pronto foi “burilado” para que ficasse somente fatos relacionados à cultura digital d@s educador@s de Santana. As imagens e teorias interpretadas em meus comentários foram escolhidas uma a

uma, metodicamente. Ainda ouço os sons das vozes ecoarem em minha cabeça e algumas eu consegui gravar na memória.

Essa foi uma experiência que me deixou muito apreensiva, pois após organizar o trabalho é que pude compreender o que se fez e assim tecer algumas considerações finais, que de certa forma, já estão diluídas em todo o trabalho.

Termino este diário com a frase que mais me marcou no mestrado. Ela está contextualizada em Devlin (2000), já citado antes, mas que ao tratar do seu também primeiro capítulo intitulado “o Sorriso escarinho (irônico) do gato de Cheshire” deixa a expressão mais significativa do que foi esta pesquisa. Pegando o diálogo na íntegra da obra de Carroll (2005) fica claro o que quero dizer:

"Gatinho de Cheshire", começou, bem timidamente, pois não tinha certeza se ele gostaria de ser chamado assim: entretanto ele apenas sorriu um pouco mais. "Acho que ele gostou", pensou Alice, e continuou. "O senhor poderia me dizer, por favor, *qual o caminho que devo tomar para sair daqui?*"  
" *Isso depende muito de para onde você quer ir*", respondeu o Gato.  
" *Não me importo muito para onde...*", retrucou Alice.  
" *Então não importa o caminho que você escolha*", disse o Gato.  
"... *contanto que dê em algum lugar*", Alice completou.  
" *Oh, você pode ter certeza que vai chegar*", disse o Gato, " *se você caminhar bastante.*" (Carrol, 2005. Grifo meu.)

Portanto, digo que tudo o que foi vivido, conhecido, mapeado e refletido sobre a Cultura Digital e Educação d@s educador@s de Santana teve o sentido na interpretação desse caso, principalmente por conta da pré-disposição do grupo de tecer tudo isso de/na/ cultura digital coletivamente.

Essa experiência de pesquisa me leva também à uma sensação de incompletude, de que há muito a se fazer e conhecer, uma ansiedade do que ainda está por vir. O que não pode ser feito ou concretizado nessa pesquisa sistematizo em forma de considerações finais, mas de tudo que está apenas começando.

#### **4- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A sociedade do conhecimento é um caminho em construção que imprime rever como está a produção de conhecimento na sociedade atual. Nesse contexto é que surge o Projeto CRID como instrumento de inclusão não focada apenas no digital, mas no social e no desenvolvimento dos processos educativos das comunidades que o possuem.

No caso do Assentamento Santana, o projeto encontra-se em fase de consolidação, com os 4 anos completos desde sua inauguração, a comunidade é capaz de geri-lo adaptando toda a dinâmica de formação trabalhada com eles nos trabalhos de implantação realizados conjuntamente com a equipe de bolsistas-pesquisadores da UFC.

Foi construído um modelo de gestão adaptado à realidade do Assentamento Santana e lá é o espaço físico onde acontecem as vivências em cultura digital da comunidade em geral.

Considerando as lutas traçadas pel@s educador@s de Santana em prol de uma educação do Campo, também contextualizada, como acontece no CRID, é que essa pesquisa constatou que essas pessoas têm no CRID uma possibilidade de expressar sua autonomia tão desejada ainda no espaço escolar. Outro aspecto evidente foi a coletividade, vivida no assentamento, bastante expressiva na “luta de crescer e transformar” através do CRID.

Se identificou a partir das reflexões sobre suas práticas que algumas categorias são fundamentais, diluídas nas falas, para se pensar cultura digital e educação no campo. A primeira categoria foi a construção de práticas contextualizadas à realidade em que vivem. A segunda foi a questão do planejamento para a utilização pedagógica do CRID, a terceira traça a necessidade de formação continuada, que pode ser feita entre el@s mesm@s e contando com apoio do grupo de gestão do CRID e a quarta, a perspectiva coletiva de se viver o CRID como instrumento pedagógico para “além da boa vontade”.

Essas categorias foram utilizadas como estratégia de mapeamento das vivências, percepções e reflexões que essas pessoas tecem de suas próprias realidades.

A partir da experiência d@s educador@s no CRID Santana, pode-se apontar que para viver educação com/pela/na cultura digital não basta somente que @s educador@s levem suas turmas de educandos para o CRID, não basta receber uma formação e não dar continuidade a esse processo, não basta ter “boa vontade” e não planejar as atividades e refleti-las com @s educandos e entre el@s mesm@s.

A cultura digital dessas pessoas envolve mudança de postura por parte de educador@s e educandos para saberem lidar com o consumo e produção educativa no ciberespaço, contemplando a melhoria da qualidade educacional e de acesso às informações e

transformação dessas informações em novos conhecimentos. É preciso se deixar envolver mais pelos momentos ciberespaciais, não os presenciais, para que trocas e construções culturais através dos contextos educativos no seio das comunidades educativas ou educacionais sejam efetivadas.

O processo de inclusão digital que observamos e descrevemos durante a pesquisa está em consonância com uma concepção que transcende o simples ato de “doar computadores”, este fato por si só não gera a inclusão, mas a formação de uma cultura digital adaptada à realidade educativa do Assentamento Santana.

Portanto, pensar cultura digital a partir das experiências d@s educador@s de Santana no CRID é considerar todos os aspectos elencados anteriormente numa perspectiva de cultura como o próprio significado que as pessoas construíram e constroem de suas vidas quando se consideram “incluídas digitalmente”.

Para que essa inclusão digital não fique somente no Assentamento Santana é providente que se consolidem políticas públicas para essa ação, de tal forma que contemple a educação em seu cerne, como é o caso dos CRID.

Novos espaços para a socialização das práticas educativas nos CRID por parte d@s educador@s devem ser criados no intuito de se fazer uma sistematização dos conhecimentos adquiridos numa constante reflexão sobre e nas práticas educativas e inclusivas. Para esses objetivos serão necessárias novas pesquisas, as quais tenho interesse em continuar refletindo e aprofundando o debate sobre as construções culturais nos CRID.

Em experiências futuras em outros CRID, ou nos já existentes é necessário focar cada vez mais nos processos culturais e educativos que podem ser construídos a partir dos referenciais simbólicos construídos pelas comunidades, no intuito de se construir indicativos gerais de inclusão digital. Nessa perspectiva, percebe-se que esta pesquisa traz sua parcela de contribuição para essa análise, onde outras estratégias possam ser incorporadas em seqüência possivelmente até traçar um perfil de inclusão digital mais complexo da educação em geral vivida no CRID em outros estudos que podem dar continuidade à essa perspectiva.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, L. Uma janela para o mundo. *///* Revista Universidade Pública. Nº 26, Mai/ Jun. Fortaleza: Expressão Gráfica: 2005.
- APARICI, R. Cultura popular, industrias culturales y ciberespacio. Madrid: UNED, 2003.
- ARTIGUE, Michèle. Ingénierie didactique: Recherches en didactique des mathématiques, Grenoble: vol.9, nº 3, 1988
- BALBONI, M. Pesquisa sobre o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil: TIC Domicílios e TIC Empresas 2006. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2007.
- BAUER, M. W. GASKEL .G. Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático; tradução de Pedrinho A. Guarreshi.- 6ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes,2007.
- BORGES NETO, H. ; OLIVEIRA, Sílvia Sales. Experiências de Formação de Professores em Informática Educativa no NTE do Município de Fortaleza. In: II Encontro de Pós-Graduação e Pesquisa da Unifor. Anais. Fortaleza: Ed. Unifor. 2002.
- BORGES NETO, H. e JUNQUEIRA, E. O que é inclusão digital. Pré-print.
- BRASIL, Ministério da Educação. Mapa da Educação Básica. In: <http://tvescola.mec.gov.br/mapas/mapaeducacaobasica.swf>, acesso em 13/09/2007 às 14:50.
- BURKE, Peter. Hibridismo cultural. Tradução de Leila Souza Mendes. S o Paulo: Ed. Unisinos, 2003.
- CASTELLS, M. A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura. v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, vol. 3, São Paulo: Paz e terra, 1999,
- COSTA, R. A cultura digital. São Paulo: Publifolha, 2002.
- DAMASCENO, M.N. Estudos sobre educação rural no Brasil: estado da arte e perspectivas in educação e pesquisa. Revista da Faculdade de Educação da USP. São Paulo. v. 30, n. 1, p. 73-89, abr., 2004.
- DEMO, P. Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos / Pedro Demo.Brasília: Líber Livro Editora, 2004.( Série Pesquisa em Educação, v.8) 140 p.
- DEMO, P. Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos. Brasília: Líber Livro, 2004.
- EZPELETA, J. Pesquisa participante / Justa Ezpeleta e Elsie Rockwell: ( traduzido por Francisco Salatiel de Alencar Barbosa). – São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.
- FREIRE, P. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- \_\_\_\_\_. Extensão ou comunicação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971. 10ª Edição, 1992.
- FURTADO, E. D. P. Estudo sobre a educação para a população rural no Brasil. Disponível em:[w.unesco.cl/medios/biblioteca/documentos/estudio\\_educacion\\_poblacion\\_rural\\_brasil.pdf](http://w.unesco.cl/medios/biblioteca/documentos/estudio_educacion_poblacion_rural_brasil.pdf) . Acesso em 12 jan. 2008.
- FURTADO, E. D. P. O que se sabe e o que se faz sobre educação no contexto dos assentamentos rurais; colocando gás na lamparina. Educação e Debate, Fortaleza-Ceará, v. I, 2000. p. 178-185.
- GESAC, Governo Eletrônico-Serviço de Atendimento ao Cidadão. *///* [http://www.idbrasil.gov.br/docs\\_prog\\_gesac/pontos\\_presenca\\_em\\_operacao/pontos\\_presenca\\_em\\_operacao.pdf](http://www.idbrasil.gov.br/docs_prog_gesac/pontos_presenca_em_operacao/pontos_presenca_em_operacao.pdf). Acesso às 17:15hrs em 13/09/2007.
- GOMES, M. P. Antropologia: ciência do homem: filosofia da cultura. . São Paulo: Contexto, 2008.
- HINE, C. Etnografia virtual. Barcelona: Editorial UOC, 2004.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M.S. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

- LAVILLE, C. DIONNE, J. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Lana Mara Siman ( Revisão técnica e adaptação)- Porto Alegre: Editora
- LESBAUPIN, Ivo. Os determinantes do processo de exclusão. In: Poder Local x Exclusão Social: a experiência das prefeituras democráticas no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. (p. 7-38).
- MALINOWSKI, B. Antropologia (organizadora : Eunice Ribeiro Durham)- São Paulo: Editora Ática, 1986.
- MATTOS, F.L.C.L. Concepção de desenvolvimento de uma abordagem pedagógica para processos colaborativos a distância utilizando Internet. Tese de Doutorado, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2005.
- MINAYO, M. C. S. Ciência, Técnica e arte : o desafio da pesquisa social. // Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 11ª edição. Cecília de Sousa Minayo (org.) – Petrópolis,RJ. Editora Vozes,1994.
- \_\_\_\_\_. Pesquisa social: teoria, método e criatividade, 11º ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- OLIVEIRA, R. C. de. Aula Inaugural / Roberto Cardoso de Oliveira. IFCH/UNICAMP, 5-27, abril, 1994.
- Pátio, ano 4, no. 14, agosto-outubro, p. 21-24: 2000.
- PINHEIRO, T. et all. Contribuições da Educação Popular para a Avaliação de Ambientes Virtuais de Aprendizagem. Anais do II Congresso Internacional de Avaliação educacional. Fortaleza: 2005.
- PRETTO, N. De L. Tecnologias e novas educações. Rev. Bras. Educ. vol.11 nº.31. Brasil.
- RAMAL, A. C. Ler e escrever na cultura digital. Porto Alegre: Revista
- RHEINGOLD, H. Multitudes inteligentes. Barcelona: Gedisa, 2004.
- Rheingold.
- RIBEIRO, J. S. Contributos para a Antropologia na Era Digital. Enografias de lo Digital Grupo de trabajo,2006. Disponível em:  
[www.cibersociedad.net/congres2006/gts/comunicacio.php?id=837&llengua=po](http://www.cibersociedad.net/congres2006/gts/comunicacio.php?id=837&llengua=po). Acesso em 3 Dez. 2006.
- RIVOLTELLA, P.C. Falta cultura digital na sala de aula. // Revista Nova Escola. Ed. 200, março. São Paulo: Abril, 2007.
- SANTOS, A.Q. Inclusão digital e desenvolvimento local no Brasil. Anais do VIII Congreso Internacional del CLAD sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública, Panamá, 28-31 Oct. 2003.
- Santos, J. F. dos. (1991). O que é pós-modernismo. São Paulo, Brasiliense.
- SILVEIRA, S.A. Exclusão Digital. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.
- TÁPIAS, J.A. Internáutas e naufragos: a busca do sentido na cultura digital. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- UFMG, 1999.]
- VIRGINIO, A. S. Conhecimento e sociedade: diálogos impertinentes. Sociologias. Porto Alegre, ano 8, nº 15, jan/jun 2006, p.88-135.
- WARSCHAUER, M. Transpondo o fosso digital. //Scientific American Brasil, pp. 74-79, 2003.
- \_\_\_\_\_. Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate. São Paulo: SENAC, 2006.